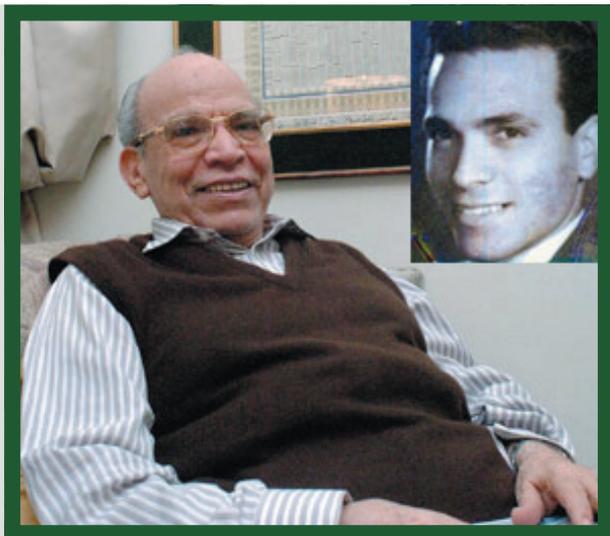


Helmi Muhammad Ibrahim Nasr, professor titular aposentado da FFLCH-USP, veio para o Brasil em 1962 para fundar o curso de língua, literatura e cultura árabes na Universidade de São Paulo, uma missão – autêntica saga, com surpreendentes peripécias (como se narra neste livro) – que, ao longo dos anos, se consubstanciou em um fecundo trabalho de formação de muitas gerações de alunos, na fundação do Programa de Pós Graduação e em diversas outras notáveis realizações.

Destacam-se, por exemplo, a publicação de um pioneiro dicionário árabe-português, a tradução para o árabe de *Novo mundo nos trópicos* de Gilberto Freyre e a monumental tradução, única em nossa língua feita diretamente do árabe, do Alcorão (ou do “sentido” do Alcorão, como querem os muçulmanos, pois, para eles, o livro sagrado é indissociável da língua árabe), com preciosas notas. Esse trabalho, entre tradução e revisões pela Liga Islâmica Mundial em Meca, durou 22 anos e

Aida Hanania & Jean Lauand
(org.)



O diplomata da língua
e cultura árabes –
estudos em homenagem
a Helmi Nasr

O diplomata da língua e cultura árabes –
estudos em homenagem a Helmi Nasr

Aida Hanania & Jean Lauand
(org.)

O diplomata da língua
e cultura árabes –
estudos em homenagem
a Helmi Nasr


FACTASH EDITORA

CEMOrOc
EDF-FEUSP

São Paulo
– 2015 –

Copyright © by Aida Hanania e Jean Lauand , 2015
Nenhuma parte desta publicação pode ser armazenada,
fotocopiada, reproduzida, por meios mecânicos, eletrônicos ou outros
quaisquer, sem autorização prévia do autor.

Projeto Gráfico:
Tarlei E. de Oliveira

Foto da capa:
Helmi Nasr em 2007 e quando jovem no Egito – *Jornal da USP*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Hanania, Aida (org.)

O diplomata da língua e cultura árabes -- estudos em homenagem a
Helmi Nasr : São Paulo: Factash Editora, 2015.

90 p. 14 x 21 cm.
ISBN 978-85-89909-86-0

1. Islã 2. Filosofia 3. Educação I. Título

CDU 297

O Conselho Editorial dos livros do Cemoroc é constituído pelos seguintes Professores Doutores:

Diretores:

Jean Lauand (Feusp-Umesp)
Paulo Ferreira da Cunha (Univ. do Porto)
Sylvio G. R. Horta (FFLCH-USP)

Membros:

Aida Hanania (FFLCH-USP)
Chie Hirose (Fics)
Enric Mallorqui-Ruscalleda (California State Univ., Fullerton)
Gabriel Perissé (ESDC)
Lydia H. Rodriguez (Indiana Univ. of Pennsylvania)
María de la Concepción P. Valverde (FFLCH-USP)
Maria de Lourdes Ramos da Silva (Feusp-Fito)
Pedro G. Ghirardi (FFLCH-USP)
Pere Villalba (Univ. Autònoma de Barcelona)
Ricardo da Costa (UFES)
Roberto C. G. Castro (Fiam)
Sílvia M. Gasparian Colello (Feusp)
Sílvia Regina Brandão (Uscs)
Terezinha Oliveira (Uem)

Factash Editora
Rua Costa, 35 – Consolação
01304-010 – São Paulo – São Paulo
Tel. (11) 3259-1915 – factash@gmail.com

Sumário

Nota Introdutória	7
Entrevista – Helmi Muhammad Ibrahim Nasr	9
As-Salam: Helmi Nasr e as riquezas da língua árabe	19
AIDA HANANIA & JEAN LAUAND	
Um sábio muçulmano no Brasil	39
EDUARDO CAMPOS LIMA	
O Papel da Imagem na Tradição Árabe	45
AIDA R. HANANIA	
Cem provérbios da tradição árabe	65
JEAN LAUAND	

Nota Introdutória

O Centro de Estudos Medievais – Oriente e Ocidente da Faculdade de Educação da USP, quis prestar, com este livro, uma pequena homenagem ao Prof. Helmi Nasr, tão querido por seus alunos e amigos.

O CEMOrOc promoveu no dia 8 de junho de 2015, um Seminário em homenagem ao *Ustaz*, para o lançamento desta obra. Nela recolhemos uma entrevista que Nasr concedeu à *Revista de Estudos Árabes* em 1993; o artigo de A.H. e J. L. em comemoração a seus 90 anos; uma matéria do jornalista Eduardo Campos Lima (Jornal da USP), por ocasião da nomeação de Helmi Nasr, como sábio do Islã; e um artigo de cada um dos organizadores.

Sua trajetória está sinalizada nesses textos, que deixam entrever a imensa dívida de gratidão que temos – nós, seus alunos, e a cultura brasileira – pela monumental contribuição de Helmi Nasr para a aproximação desses dois mundos.

A.H & J.L., junho de 2015.

Entrevista

Helmi Muhammad Ibrahim Nasr

Entrevista concedida em 24-4-93 e publicada na *Revista de Estudos Árabes* No. 2, 1993

Jean Lauand: O senhor, como iniciador dos estudos acadêmicos árabes entre nós, poderia contar-nos um pouco da história do Curso de Língua e Literatura Árabe na USP?

Helmi Nasr: Para dizer a verdade, essa é uma história de muitas alegrias e de muitas lutas. Eu, quando jovem, nem podia imaginar que viria a ser professor no Brasil, mas uma série de circunstâncias acabou por trazer-me para cá.

Concluídos meus estudos universitários na França, voltei ao Cairo e fui nomeado professor de tradução francesa na Faculdade de Línguas Estrangeiras da Universidade de ‘**Ayn ash-Shams**.

Lecionava eu lá, quando a Universidade recebeu solicitação de três professores para ensinar árabe no exterior: um para Sidney na Austrália, outro para Santiago do Chile e um terceiro para São Paulo.

Não foi difícil para nossa faculdade atender os pedidos da Austrália e do Chile, pois havia um colega recém-chegado da Inglaterra e outro recém-chegado da Espanha. O problema era

conseguir um professor para o Brasil. Isto aconteceu nos primeiros meses de 1962. É uma história interessante: Jânio Quadros, quando assumiu a presidência, foi visitar os líderes orientais da época: Gamal Abdel Nasser – que, então, gozava de enorme prestígio em todo o mundo –, Nehru e outros.

Voltando ao país, cheio de admiração por esses estadistas, decidi criar, no Brasil, estudos orientais e pedi à Universidade de São Paulo que criasse esses cursos. A USP, em atenção ao pedido do presidente, resolveu criar sete cursos: árabe, hebraico, russo, chinês, japonês, armênio e sânscrito e contactou os países correspondentes, em busca de professores que se dispusessem a vir para cá. Ora, nessa época, os países árabes credenciados no Brasil eram três: Síria, Líbano e Egito. A USP escreveu para esses três países e, para sorte minha – este é um país maravilhoso –, só o Egito respondeu afirmativamente. O presidente Nasser, em atenção a Jânio Quadros, empenhou-se pessoalmente para que a Universidade designasse também um professor para o Brasil e, como disse, esse não era um problema de fácil solução. Como não houvesse resposta por parte da Universidade, uma semana depois, o presidente Nasser tornou a exigir uma solução rápida para o caso.

Pressionado pela insistência do presidente, o diretor da Faculdade resolveu propor-me – afinal, o francês é uma língua semelhante ao português – que viesse ao Brasil. Daí a onze dias, veja só, chegava eu ao Brasil!

JL: Para ficar definitivamente?

NASR: O primeiro projeto previa a permanência de um ano como professor visitante, mas, quando o pedido chegou ao ministro da Educação, ele ponderou que só um ano para o Brasil era muito pouco e propôs dois anos. Antes de embarcar, pedi ao ministro que

destinasse uma biblioteca para o Brasil, mas ele não achou necessário, alegando que no Brasil – um país onde estavam radicados muitos poetas árabes e com tantos imigrantes árabes – certamente eu haveria de encontrar todos os livros de que necessitasse...

Enfim, cheguei aqui com muito entusiasmo e, no dia seguinte, já me encontrava na Faculdade com seu diretor, o saudoso Mário Guimarães Ferri, que me recebeu muito bem e logo disse a ele: “Eu quero começar”. Veja bem, eu cheguei no dia 1 de maio de 1962 e o Curso principiou em setembro, como curso livre. E comecei a dar aulas sozinho nos três períodos: manhã, tarde e noite.

Em 1963, teve início o curso regular: com uma aluna! E, paralelamente, dava cursos optativos: sempre repletos de alunos nos três períodos; era um trabalho duro mas também extremamente prazeroso.

Veio, então, a mudança para a Cidade Universitária, um verdadeiro transtorno naqueles tempos: um dia, a aula era no Instituto de Química; outro, na Faculdade de História...

Ao falar dos primórdios dos estudos árabes entre nós, não posso deixar de mencionar Jamil Sáfady que, anos antes do curso oficial, dava já, na Faculdade de Filosofia, cursos livres de árabe, precursores dos que vim a criar depois. De modo que vim para ficar dois anos, mas estou aqui até hoje.

Na verdade, quando cheguei, recebi também um convite para dirigir um jornal árabe e uma revista, além de diversas outras atividades relacionadas com o mundo e a cultura árabes. E, claro, o governo egípcio interessou-se pela minha permanência no Brasil: sem me consultar, custeou a prorrogação de meu contrato por mais dois anos, depois por outros dois e, assim, por oito anos, prazo máximo permitido pela lei egípcia para a permanência no exterior

de um professor universitário. Indicaram-me, portanto, que regressasse: comecei a me preparar para retornar ao Cairo, mas quando informei o saudoso Prof. Eurípedes Simões de Paula, então diretor da Faculdade – e principal mentor da criação dos estudos orientais na USP – ele não aceitou e procurou o embaixador egípcio, solicitando-lhe que abrisse uma exceção no meu caso, até que a própria USP pudesse contratar-me. O governo egípcio atendeu-o e prorrogou minha permanência por mais dois anos, quando fui contratado.

Para mim, foi muito bom, porque gosto muito do Brasil e de seu povo, que tem características semelhantes ao povo do Oriente, além do fato de que há uma numerosa colônia árabe no Brasil; colônia que, em geral, ocupa uma boa posição econômico-social, mas que necessita também, ao lado dessa posição privilegiada, de uma posição intelectual adequada e o Curso de Árabe na USP era um núcleo para esse trabalho.

JL: Durante quanto tempo o senhor foi o único docente do Curso de Árabe da USP?

NASR: Durante os primeiros sete anos. Depois, a Faculdade começou a contratar outros professores formados pelo Curso: Jubran Jamil El-Murr, Aida Ramezá Hanania, Luiz Ferreira da Rosa (um professor sem ascendência árabe...).

E, assim, nos anos seguintes – também pelo crescimento da importância do mundo árabe no cenário mundial –, passou a haver mais alunos no Curso de Árabe do que em diversos outros cursos da Faculdade.

JL: Quais as principais influências da cultura árabe na cultura brasileira?

NASR: As influências são múltiplas e variadas: desde as mais superficiais derivadas da imigração – pense-se, por exemplo, nas influências sobre a cozinha brasileira – até as profundas marcas culturais históricas, que os árabes deixaram na Península Ibérica e, por extensão, no Brasil.

Infelizmente, o Brasil não é bem conhecido nos países árabes e, por outro lado, a realidade árabe continua bastante desconhecida no Brasil. Eis aí uma tarefa para os meios de comunicação, que tanto poderiam contribuir para a superação de preconceitos. Conheço muitos brasileiros que visitaram países árabes. Voltam encantados e dizem que não podiam imaginar encontrar tanta riqueza cultural. E, reciprocamente, do Brasil conhece-se muito pouco, conhece-se Pelé e o café, mas não a riqueza do modo de ser brasileiro, que pode ser tão apreciado pelos árabes.

Há uma semelhança entre o povo brasileiro e os árabes: os dois são espirituais e sabem valorizar a amizade, a cordialidade, a harmonia das relações humanas; sabem ajudar, sacrificar-se, ser generosos. Eu vivi muitos anos na Europa e sempre me senti estrangeiro; já no Brasil, desde o primeiro dia, senti-me em casa. O brasileiro é muito acolhedor e não está imerso no materialismo como alguns europeus. Aqui, o árabe está tão à vontade que acaba se esquecendo de voltar; um árabe chega para ficar, digamos dois ou três anos, e não quer voltar, acaba ficando trinta ou quarenta anos, a vida toda...

JL: O senhor que não só é um estudioso, mas conta também com ampla experiência diplomática, quais considera os principais fatores para um real diálogo e efetiva colaboração entre Oriente e Ocidente? Quais, a seu ver, os principais preconceitos de parte a parte a serem superados?

NASR: Em primeiro lugar, deve haver uma naturalidade na aceitação dos fatos. Na Europa, por exemplo, encontrei muitas pessoas que só vêem um Brasil atrasado, onde tudo que há é miséria: um colega francês lamentou quando soube que eu tinha sido designado para vir ao Brasil, advertindo-me do perigo das cobras em S. Paulo (!!??); já um outro colega, que conhecia o Brasil, explicou-me, objetivamente, a realidade desta cidade moderna e progressista.

O que estraga a compreensão é a propaganda falsa, a desfiguração dos fatos: por exemplo, se o árabe conhecer o Brasil como ele é, vai adorá-lo e vice-versa.

Mas, por vezes, interesses menores políticos – de parte a parte – envenenam a imagem do *outro* e as relações entre Oriente e Ocidente.

É necessário, portanto, um trabalho para corrigir os preconceitos e para a divulgação da genuína cultura, das tradições, da história... Os árabes têm uma tradição importante e valiosa para a História Universal: durante oito séculos, lideraram o mundo, o que não se pode contestar. Mas esse fato é, por vezes, ignorado, como se não houvesse ocorrido: fala-se dos gregos, dos romanos, da Europa e passa-se por cima de oitocentos anos de esplendor árabe, negando injustamente, como muito bem acentuou Roger Garaudy, o papel da cultura árabe para o desenvolvimento da civilização europeia. Foram os árabes que transmitiram à Europa toda a cultura das civilizações anteriores a eles: egípcia, grega, indiana, persa... Os árabes assimilaram a cultura desses povos e transmitiram-na à Europa: a matemática, a filosofia, a medicina, a geografia etc. Como negar esses fatos? Como negar, por exemplo, a influência multi-secular exercida pela obra de Avicena na Europa, por meio das traduções latinas?

JL: Hoje que o Ocidente anda tão carente de valores, quais as principais contribuições que o Oriente pode nos dar?

NASR: O Ocidente, embora esteja tão avançado em termos de ciência e tecnologia, minimiza o lado espiritual. Ora, sem a espiritualidade, o progresso material não chega a ser autêntico progresso humano. E a Europa toda e a América do Norte estão esquecidos do espírito e do coração, voltados somente para um progresso material: a tecnologia, o capital etc. Esquecem-se do coração, da compreensão, de ver o próximo, ao mesmo tempo que fomentam o materialismo, o consumismo, a violência... em detrimento da religião e da ética, essenciais para a vida.

O Ocidente deve voltar-se um pouco para a espiritualidade e, portanto, para o Oriente, para poder desfrutar de um modo humano do progresso material que criou; sem isso nunca haverá paz.

No Oriente, surgiu a espiritualidade e são do Oriente, as três grandes religiões que apontam para o Deus único: o Judaísmo, o Cristianismo e o Islão.

O Islão, por exemplo, surgiu há quatorze séculos, com propostas já avançadas e atuais, como por exemplo o combate ao alcoolismo, um terrível problema de hoje; com uma doutrina social que impõe aos ricos que dêem parte de sua riqueza aos pobres.

A religião liga o homem a Deus; e, na medida em que o ser humano ganhe consciência de sua transcendência e de uma vida futura com Deus, aprenderá também a valorizar sua vida presente.

JL: Professor, seria muito interessante para nossos alunos que o senhor discorresse sobre alguns pontos de sua especialidade acadêmica, digamos, das origens da literatura árabe, da literatura árabe pré-islâmica.

NASR: Um primeiro ponto a destacar é a sonoridade: os pecu-

liares recursos fonéticos estão a serviço da expressão poética. Lembro-me de um longo poema do príncipe dos poetas da época pré-islâmica, Imru Al-Qays, que contém um verso antológico nesse sentido.

O poema – um dos tantos da época, dedicados a celebrar o cavalo árabe – começa descrevendo a sensação de cavalgar um volumoso corcel dotado da força do vento. É de madrugada, os pássaros nem ainda saíram de seus ninhos; é tal a imponência do nobre animal que, se alguma fera o avista, fica imediatamente paralisada, estarecida ante a ferosidade do puro-sangue.

Seu tropel é belo e harmônico, embora indomável como a rocha que a chuva precipita em desabalada carreira desde o alto etc... Ao descrever a impetuosidade desse movimento, o poeta-cavaleiro diz que sua montaria “avança, retrocede, arranca e recua num mesmo ato” o que, no original árabe, é toda uma onomatopeia:

Mikarrin, mifarrin, muqbilin, mudbirin, ma’an!

Também é grandiosamente dolorosa a sonoridade da poetisa Khamsá‘ nos versos em que lamenta a morte do irmão:

Falá, wa lahi, lá ansaka hatta

Ufáríka muhjaty wa yushaqa ramsy

(Pois eu não, por Deus não, eu não te esquecerei até que me separe de minha alma e até que se fenda o meu sepulcro!)

Do ponto de vista da temática, as eternas hospitalidade e generosidade orientais são descritas já num dos mais antigos monumentos da literatura árabe, com sutilezas psicológicas de incomparável grandeza humana: o poema de Hatim at-Taiy. Nesse poema, o poeta narra um episódio ocorrido com ele no passado.

É noite no deserto, Hatim at-Taiy está em sua solitária tenda.

De repente, o inesperado: ecoam gritos terríveis como de alguém lutando contra os terrores noturnos, clamando desesperadamente, como se fôra louco (naturalmente, a hospitaleira mentalidade do poeta recusa-se a aceitar esta hipótese).

Ao ouvir esses gritos, o poeta sai da tenda, desarmado de mãos e de espírito, afasta seu cão de guarda, intensifica o lume e dirige-se ao estranho com voz doce e fraterna, numa fórmula hiperbolicamente calorosa de boas vindas:

Ahlan wa sahlān wa marḥaban, rushidta

(Acumulando os sentidos de: “bem-vindo”, “esta é sua casa”, “esteja à vontade”, “fique em paz”...)

E prossegue em suas lembranças: “Não me sentei para interrogá-lo (!); o que fiz foi tomar um camelo de raça (!) para prepará-lo, eu mesmo, uma refeição digna do autêntico hóspede que era para mim, seguindo o ensinamento de meu pai e, desde sempre, dos antepassados.”

As-Salam: Helmi Nasr e as riquezas da língua árabe

(publicado em *International Studies on Law and Education*
13/14 jan-ago 2013)

AIDA HANANIA & JEAN LAUAND

Em 2012, celebramos duas importantes datas redondas, em torno de um único personagem, marco importante, fundacional, dos estudos árabes entre nós: o 90º aniversário do professor Helmi Nasr, que há exatos 50 anos fundou o Curso de Língua e Literatura Árabe na USP.

A USP hoje, prestes a completar 80 anos, era, em 1962, uma universidade muito jovem de um país que, instalado em séculos de atraso, começava a viver, então, grandes mudanças econômicas e culturais. Naqueles anos, o clima era de efervescência de desenvolvimento econômico; com a Novacap, como então era chamada Brasília, e o Brasil se afirmando nos esportes: bi-campeão mundial de futebol (e pela primeira vez podíamos ver os jogos, horas depois, em video-tape; a copa de 58, só foi acompanhada pelo chiado do rádio...); bicampeão mundial de basquete; as brilhantes conquistas de Maria Esther Bueno (o tênis, um esporte

quase desconhecido); Éder Jofre, o “galo de ouro”. Em 1962, Palma de Ouro em Cannes com “O pagador de promessas”; o boom da bossa nova, “Garota de Ipanema” foi composta em 1962; a consagração internacional de Oscar Niemeyer.

A então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, minúscula se comparada com a atual FFLCH, concentrava uma incrível densidade de professores destacados, como: Alfredo Bosi, Antonio Candido, Aziz Ab’Saber, Bento Prado Júnior, Décio de Almeida Prado, Egon Schaden, Eurípedes Simões de Paula, Fernando de Azevedo, Fernando Henrique Cardoso, Florestan Fernandes, Francisco Weffort, João Cruz Costa, José Arthur Giannotti, José de Souza Martins, Milton Santos, Octavio Ianni, Roger Bastide, Ruth Cardoso, Sérgio Buarque de Holanda... Boa parte dos estudantes iam para a aula na Maria Antonia, de bonde aberto, rangendo para subir a Angélica, com o cobrador, com uma das mãos recheada de notas dobradas entre os dedos, fazendo incríveis malabarismos para não deixar ninguém saltar sem pagar.

A imagem que o brasileiro tinha do mundo árabe era muito diferente na época: não se falava de islamismo nem de muçulmanos, não havia nada parecido com o protagonismo exercido hoje – pós Opep – pelos países árabes. Eram uns países remotos, indiferenciados e exóticos, muitos deles ainda colônias, atrasados, inexpressivos, ou dominados por potências ocidentais (1962 é o ano da independência da Argélia). Os numerosos imigrantes e descendentes em São Paulo – sírios e libaneses – ainda eram conhecidos como “turcos”; eram, em sua maioria, cristãos, talvez comerciantes da 25 de março e residiam no bairro do Paraíso. Comida árabe, só a da mãe ou da avó; havia raríssimos restaurantes árabes (Almanara, Bambi, Brasserie Victoria e uns poucos mais...) e duas ou três casas de esfiha e quibe nas imediações da Catedral

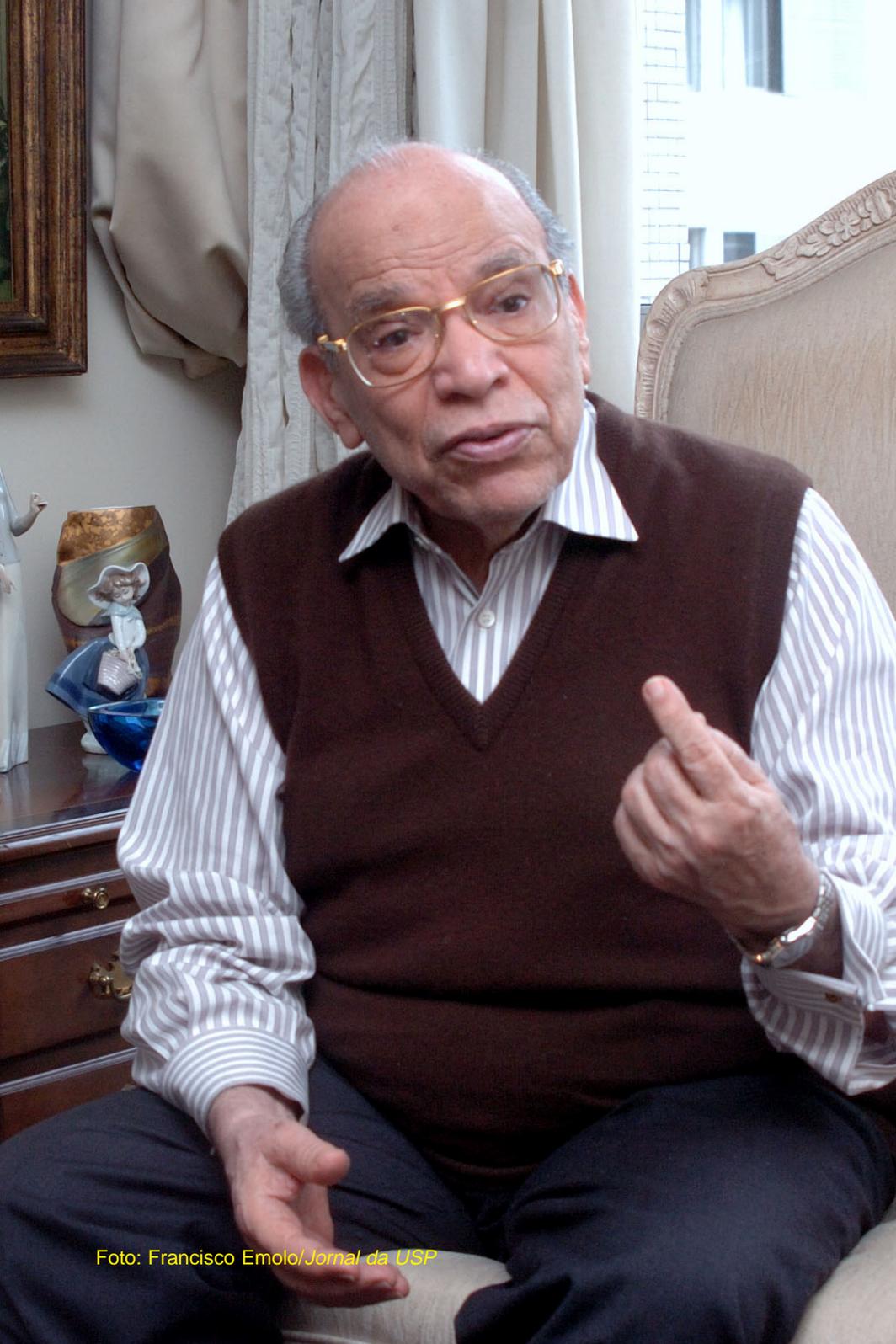


Foto: Francisco Emolo/Jornal da USP

Ortodoxa da Vergueiro. Nem em sonho a profusão de hoje, em que temos quase cem grandes lojas em São Paulo, para falar só de uma rede.

Um pouco mais conhecido era o presidente do Egito, Gamal Abdel Nasser, com sua forte política nacionalista, um dos líderes do “movimento terceiromundista”, que enfrentara o poderio francês e britânico na Guerra de Suez, e que terá decisiva importância para a história dos estudos árabes no Brasil.

Quem considera as dificuldades e delongas para a contratação de professores na USP e na FFLCH (em 2002 houve uma greve de quase quatro meses para arrancar alguns claros), ficará assombrado com o modo como foi criada a “Seção de Estudos Orientais” em 1962, inicialmente instalada junto ao Curso de História, sob a direção do grandioso Eurípedes Simões de Paula. O próprio Prof. Nasr nos conta em uma entrevista de 1993, respondendo a uma pergunta sobre a criação dos estudos árabes na USP:

Para dizer a verdade, essa é uma história de muitas alegrias e de muitas lutas. Eu, quando jovem, nem podia imaginar que viria a ser professor no Brasil, mas uma série de circunstâncias acabou por trazer-me para cá. Concluídos meus estudos universitários na França, voltei ao Cairo e fui nomeado professor de tradução francesa na Faculdade de Línguas Estrangeiras da Universidade de *‘Ayn ash-Shams*. Lecionava eu lá, quando a Universidade recebeu solicitação de três professores para ensinar árabe no exterior: um para Sidney na Austrália, outro para Santiago do Chile e um terceiro para São Paulo.

Não foi difícil para nossa faculdade atender os pedidos da Austrália e do Chile, pois havia um colega recém-chegado da Inglaterra e outro recém-chegado da Espanha. O problema era

conseguir um professor para o Brasil. Isto aconteceu nos primeiros meses de 1962. É uma história interessante: Jânio Quadros, quando assumiu a presidência, foi visitar os líderes orientais da época: Gamal Abdel Nasser – que, então, gozava de enorme prestígio em todo o mundo –, Nehru e outros. Voltando ao país, cheio de admiração por esses estadistas, decidiu criar, no Brasil, estudos orientais e pediu à Universidade de São Paulo que criasse esses cursos. A USP, em atenção ao pedido do presidente, resolveu criar sete cursos: árabe, hebraico, russo, chinês, japonês, armênio e sânscrito e contactou os países correspondentes, em busca de professores que se dispusessem a vir para cá. Ora, nessa época, os países árabes credenciados no Brasil eram três: Síria, Líbano e Egito. A USP escreveu para esses três países e, para sorte minha – este é um país maravilhoso –, só o Egito respondeu afirmativamente. O presidente Nasser, em atenção a Jânio Quadros, empenhou-se pessoalmente para que a Universidade designasse também um professor para o Brasil e, como disse, esse não era um problema de fácil solução. Como não houvesse resposta por parte da Universidade, uma semana depois, o presidente Nasser tornou a exigir uma solução rápida para o caso. Pressionado pela insistência do presidente, o diretor da Faculdade resolveu propor-me – afinal, o francês é uma língua semelhante ao português – que viesse ao Brasil. Daí a onze dias, veja só, chegava eu ao Brasil! O primeiro projeto previa a permanência de um ano como professor visitante, mas, quando o pedido chegou ao ministro da Educação, ele ponderou que só um ano para o Brasil era muito pouco e propôs dois anos. [...]

Enfim, cheguei aqui com muito entusiasmo e, no dia seguinte, já me encontrava na Faculdade com seu diretor, o saudoso Mário Guimarães Ferri, que me recebeu muito bem e logo disse a ele: “Eu quero começar”. Veja bem, eu cheguei no dia 1 de maio de 1962 e o Curso principiou em setembro, como curso livre. E comecei a dar aulas sozinho nos três períodos: manhã, tarde e noite. Em 1963, teve início o curso regular: com uma aluna! E, paralelamente, dava cursos optativos: sempre repletos de alunos nos três períodos; era um trabalho duro mas também

extremamente prazeroso. (...) Na verdade, quando cheguei, recebi também um convite para dirigir um jornal árabe e uma revista, além de diversas outras atividades relacionadas com o mundo e a cultura árabes. E, claro, o governo egípcio interessou-se pela minha permanência no Brasil: sem me consultar, custeou a prorrogação de meu contrato por mais dois anos, depois por outros dois e, assim, por oito anos, prazo máximo permitido pela lei egípcia para a permanência no exterior de um professor universitário. Indicaram-me, portanto, que regressasse: comecei a me preparar para retornar ao Cairo, mas quando informei o saudoso Prof. Eurípedes Simões de Paula, então diretor da Faculdade – e principal mentor da criação dos estudos orientais na USP – ele não aceitou e procurou o embaixador egípcio, solicitando-lhe que abrisse uma exceção no meu caso, até que a própria USP pudesse contratar-me. O governo egípcio atendeu-o e prorrogou minha permanência por mais dois anos, quando fui contratado. Para mim, foi muito bom, porque gosto muito do Brasil e de seu povo, que tem características semelhantes ao povo do Oriente, além do fato de que há uma numerosa colônia árabe no Brasil; colônia que, em geral, ocupa uma boa posição econômico-social, mas que necessita também, ao lado dessa posição privilegiada, de uma posição intelectual adequada e o Curso de Árabe na USP era um núcleo para esse trabalho. E, assim, nos anos seguintes – também pelo crescimento da importância do mundo árabe no cenário mundial –, passou a haver mais alunos no Curso de Árabe do que em diversos outros cursos da Faculdade. Estive sozinho durante os primeiros sete anos. Depois, a Faculdade começou a contratar outros professores formados pelo Curso: Jubran Jamil El-Murr, Aida Ramezá Hanania, Luiz Ferreira da Rosa (um professor sem ascendência árabe...).

E assim, graças ao empenho de Nasser e Nasr, São Paulo finalmente ganhou um espaço acadêmico, de excelência, à altura de sua colônia árabe. Parece incrível que, com a importância que a cultura e a língua árabe têm para São Paulo e o Brasil, só há 50 anos – e

por conta de uma história de aventuras, digna das Mil e uma Noites – viéssemos a ter esses estudos universitários.

Quando se fala da criação da USP e de seu núcleo essencial, a FFCL, fala-se em “missão” de professores europeus, sobretudo em “missão francesa”. O prof. Nasr foi, anos depois, a “missão árabe”: anos heróicos, um jovem professor, sozinho durante anos, devotando-se à missão de, a partir do árabe, estabelecer a abertura para a totalidade do humano, que é, afinal, a própria essência da *universitas*.

Mas, naqueles começos, os estudantes atentavam mais para outros aspectos: quem passava pela sala 4 da velha Maria Antonia, tinha a oportunidade de encantar-se com a extrema amabilidade, generosidade, hospitalidade e impecável elegância do professor recém-chegado “das “Arábias”. Disfarçávamos o riso com as dificuldades que, então, ele tinha com o português: ao avisar os alunos que não haveria adiamentos para a data de entrega de tal trabalho, dizia: “Não tem escapamento!”. Ou, ao comentar a enorme quantidade de templos muçulmanos: “No Cairo, temos muitíssimos mosquitos” etc. Aliás, aí temos todo um folclore dos professores de orientais daquela época. Como quando a esposa de um deles, passando slides da obra do marido, um notável pintor, referia-se constantemente a seu *marchand*, dizendo: “Este é o *machão* de meu marido...”.

Nasr, profundamente religioso (discretamente, sempre manteve na USP seu tapete para orações) e herdeiro das multimilenares tradições muçulmana e egípcia, sempre foi uma fonte de serenidade para com seus colaboradores: ante aflitivas situações acadêmicas ou perversas “*manôplas*” (manobras) de algum colega, mantinha-se imperturbável para atinar com a melhor solução, sem se deixar contaminar por (justificáveis) iras. A constante imagem que temos dele,



Foto: Francisco Emolo/Jornal da USP

após todos esses anos, é a de um franco sorriso, de um otimismo que por nada se deixa abater e de uma paternal generosidade.

Cedo aprendemos, por exemplo, que nunca deveríamos elogiar nada de sua grandiosa hospitalidade: seguindo a tradição de seus ancestrais, se se diz, por exemplo: “Professor, que bela gravata!” ele imediatamente obriga o incauto a levar a peça de presente. Uma vez, fomos assaltados ao estacionar em frente à sua casa para uma reunião. Chegamos a seu apartamento trêmulos, sob o impacto de termos estado sob a mira de uma arma etc. Ele, serenamente, exatamente na linha dos também ancestrais contos árabes, celebrando a hospitalidade que nos ensinava nas aulas, tranquilizou-nos e quando informado de que o ladrão tinha nos levado x, obrigou-nos a levar 5x!

Sua generosidade é ampla e incomensurável. No final dos anos 80 e começo dos 90, sob sua orientação, lançamos – Nasr e os autores deste artigo – um ambicioso projeto editorial, que contou com colaboradores do porte de um Roshdi Rashed, Miguel Cruz Hernández, Hassan Massoudy (o maior calígrafo árabe do mundo), Evanildo Bechara, Jamil Almansur Haddad, Milton Hatoum, Josef Pieper etc.: a *Revista de Estudos Árabes*, a revista *Collatio* (desde o começo em importantes indexadores e bases de dados internacionais, em parceria com o prestigioso Departamento de Estudos Árabes da Univ. Autónoma de Madrid) e dez livros da coleção *Oriente e Ocidente*. Era um volume e uma qualidade muito acima das possibilidades de nosso Centro de Estudos Árabes, que não contava com nenhuma verba oficial. Conseguíamos financiamento como podíamos e quando não, o Prof. Nasr se adiantava a pessoalmente amparar esses projetos: “Nidinyah, não podemos interromper este trabalho!”, dizia à esposa, a saudosa Dra. Nida Gattaz Nasr (também professora – de espanhol – da FFLCH e falecida em 2007).

Nessa mesma época, empenhou-se, com os autores, em outra árdua missão, a criação do curso de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Cultura Árabe, e mesmo depois de aposentado (compulsoriamente em 1992), continuou trabalhando voluntariamente nesse Curso, desde o começo muito mais fruto do sacrificado empenho pessoal nosso do que de apoios institucionais...

Outros trabalhos importantes do Prof. Nasr foram a publicação do pioneiro *Dicionário árabe-português*, a tradução para o árabe de *Novo mundo nos trópicos* de Gilberto Freyre e a monumental tradução, única em nossa língua feita diretamente do árabe, do *Alcorão* (ou do “sentido” do Alcorão, como querem os muçulmanos, pois, para eles, o livro sagrado é indissociável da língua árabe), com preciosas notas. Esse trabalho, entre tradução e revisões pela Liga Islâmica Mundial em Meca, durou 22 anos e foi finalmente publicado em 2005, pelo “Complexo do Rei Fahd”, a instância mais oficial do Islã.

Mesmo para os não crentes, o Alcorão contém intrigantes profecias, como a (sura 6, 65) de que Allah pode castigar “por cima ou por baixo” (descendo fogo como em Sodoma e Gomorra; ou abrindo as águas do Mar Vermelho, que afogaram o povo do Faraó) ou confundindo os árabes em seitas e divisões, de modo que uns experimentem a fúria dos outros. Mas Helmi Nasr cumpriu outra impressionante profecia: aquela em que Allah confia aos árabes (2; 143, 142) a missão de serem “povo do meio”, mediadores entre Oriente e Ocidente.

Para o árabe, a palavra *taríq*, não significa só caminho, mas acumula também o sentido de jeito, modo pessoal de cada um fazer as coisas (mesma acumulação semântica do *way* inglês). O que facilmente se compreende, pois no deserto não há estradas delineadas, cada um busca fazer o seu caminho. É o que Helmi

Tradução do sentido do
**NOBRE
ALCORÃO**
PARA A LÍNGUA
PORTUGUESA

Tributo a Deus, do Servidor das duas
Nobres Mesquitas, o Rei Fahd
bin Abdul Aziz Al Saud
Proibida a venda

Nasr cumpriu desde que, quando jovem, assumiu sua missão no Brasil: abrir caminhos, que hoje podem ser trilhados por muitos, que talvez nem se lembrem de que a ele devem as facilidades que encontram agora prontas...

Sua carreira como homem de paz e integração (dois dos significados do radical árabe s-l-m, de palavras tão fundamentais como *islam* ou *salam*) foi coroada em 2007, quando passou a integrar o seletor grupo (21 membros) do Conselho dos Sábios, instância máxima de eruditos da Liga Islâmica Mundial.

Precisamente sobre a língua árabe é que, nós discípulos, a seguir, passamos a oferecer ao Mestre (e ao leitor), sete (número simbólico na tradição oriental) pequenas amostras de alguns resultados de nossas pesquisas daqueles anos, como uma singela homenagem do trabalho que realizamos sob sua orientação. Tais pesquisas giram em torno de características que formulamos a partir do conceito de sistema língua/pensamento árabe (Lohmann): a ausência do verbo ser, a associação imediata de imagens, o pensamento confundente, o radical trilítere, as metáteses, o voltar-se para o concreto, a prevalência do passado.

Uma recordação especialmente grata é a do artigo “Tom Jobim e a poesia árabe”, que publicamos em 1991 no *Jornal da Tarde*, analisando a genial canção “Águas de Março”.

E é que no sistema língua/pensamento árabe em vez dos longos e complicados discursos ocidentais, encontramos um rápido e cortante suceder de flashes, em frases nominais, provenientes de uma imaginação fulgurante com a irresistível força da imagem concreta. Assim, uma cena, digamos, como a de abater um pássaro, seria, no limite, descrita por um ocidental nestes termos: “Estava um pássaro a voar no céu, quando eu o vi. Ora, ao vê-lo, interessei-me por ele e, portanto, dado que dispunha de uma atiradeira, muni-

me de uma pedra, mirei-o, disparei a atiradeira a fim de atingi-lo; de fato atingi-o e, portanto, ele caiu, o que me possibilitou apanhá-lo com a mão”. Já o árabe, tende a apresentar essa mesma cena do modo como o faz Tom Jobim em “Águas de Março”: “Passarinho na mão, pedra de atiradeira”. Os enlaces lógicos ficam subentendidos por detrás da sucessão de imagens. E o mesmo ocorre, por exemplo, com este outro verso da mesma canção: “carro enguiçado, lama, lama” (em clave ocidental: “O carro enguiçou devido à avaria provocada por excesso de lama”...).

Tal associação imediata de imagens é propiciada pela ausência do verbo ser como verbo de ligação na língua árabe, tal como, paradoxalmente, ocorre em “Águas de Março”. Naturalmente, a presença constante do verbo ser na letra da canção não invalida o caráter oriental do pensamento (onde se empregam frases nominais e não o “é”), pois trata-se da forma fraca, descartável, desse verbo. E a orientalização chega ao extremo quando no final da canção, interpretada por Tom e Elis (Elis com riso mal contido), o verbo ser é suprimido e se diz simplesmente:

Pau, pedra, fim caminho
Resto, toco, pouco sozinho
Caco, vidro, vida, sol
Noite, morte, laço, anzol

Outros aspectos, tipicamente árabes, do poema são as formas “Chuva chovendo” e “vento ventando”.

Algum tempo depois da publicação, Luiz Carlos Lisboa, então no *Jornal da Tarde*, quis emocionar-nos contando que tinha levado o artigo para Tom Jobim nos Estados Unidos e que Tom tinha apreciado muito saber de seu lado árabe...

Naturalmente, essa associação imediata (e a ausência do verbo

ser) faz com que o provérbio seja uma forma tipicamente expressiva do sistema árabe. E não é por acaso que em algumas de nossas formulações proverbiais imitemos o Oriente: Tal pai, tal filho; cada macaco no seu galho; casa de ferreiro, espeto de pau.

Se quisermos recuperar a explicitação ocidental, diremos: Tal como é o pai, assim também costuma ser o filho. É muito conveniente para a ordem da selva que cada macaco em seu galho esteja (se para os orientais já é complicado o verbo ser como verbo de ligação, imagine-se o desdobramento em ser/estar). Na casa do ferreiro, o espeto costuma ser de pau.

Essa associação imediata é tanto mais forte quanto o árabe tende a evitar as abstrações e voltar-se para o concreto. Tipicamente falando, enquanto nós tendemos para o abstrato, o indeterminado e o substantivado, como em “A educação vem do berço”; o árabe expressa a mesma ideia com imagens concretas:

“Pai dele (é) alho; mãe (é) cebola: como pode ele cheirar bem?”

E enquanto nosso provérbio é:

“Quem o feio ama, bonito lhe parece”, o árabe diz:

“O macaco aos olhos de sua mãe (é) gazela.”

Nada de abstratos “a educação”, “a conduta” etc. A mesma palavra para conduta (boa ou má) é o concreto aroma (*rihat*), para nós metáfora (“a coisa está cheirando mal em Brasília”); para o árabe, simplesmente, a mesma e única palavra.

A comunicação é mais solta por conta do pensamento confundente (Ortega), típico dos Orientes. Nossas palavras são constituídas por um bloco fixo, que só deixa espaço para desinências que indicam número, gênero (e, em línguas como o latim, caso): *bonit-* ou *ros-* são invariáveis e acrescentaremos o,

os, a, as para determinar se são um ou mais meninos ou meninas bonitas; e *-am* se a rosa latina for um objeto direto singular (*rosam*) ou *-arum* se quisermos nos referir a uma qualidade das rosas (*rosarum*). Já no árabe, o que conta é o radical, em geral, trilítere, triconsonantal, que é intra-flexionado, por vogais, que, além do mais, traduz seu pensamento confundente.

Essa forma de acesso ao real, o pensamento confundente, numa primeira aproximação concentra numa única palavra realidades distintas, mas conexas. Se distinguir, dar nomes diferentes para realidades diferentes, é uma importante função da língua~ “confundir” é – como já faziam notar Ortega y Gasset e Julián Marías – igualmente importante, pois: “Não haveria como lidar intelectualmente com realidades complexas, em suas conexões, nas quais interessa ver o que há de comum e, portanto, o tipo de relações que há entre realidades que, de resto, são muito diferentes” (Marías). Em maior ou menor grau, variando de acordo com o setor da realidade a que se aplicam, todas as línguas são “distinguentes” e todas as línguas são confundentes. *Grosso modo*, se as línguas ocidentais parecem tender mais para a distinção, as línguas dos Orientes convidam ao pensamento confundente.

Tome-se, por exemplo, o já citado radical s-l-m, da palavra árabe *Salam* (em hebraico *Shalom*), usualmente traduzida por *paz*. Se quisermos ser fiéis à semântica semítica, consideremos não a palavra, mas o radical triconsonantal (que é a alma da língua semita: o radical determina essencialmente o campo de significado~ as vogais só fazem a determinação periférica de sentido) SLM.

Paz é somente um dos múltiplos significados confundidos em SLM. SLM significa igualmente, por exemplo, unidade, integridade física ou moral: quando se quebra um giz, quando se sofre um ferimento, quando se estabelece uma separação ou se produz

uma peça com defeito, está se rompendo a SLM. Daí que o nome **SaLyM**, tão frequente entre os árabes, signifique “o íntegro”, o que não se corrompe... Naturalmente, ninguém no Ocidente diria de um giz quebrado que ele perdeu sua “paz”, associação evidente e conatural para o semita.

Confundindo os conceitos de paz, saúde (física ou espiritual) etc. é natural que a saudação mais comum no mundo árabe (para encontro ou despedida) seja também precisamente: *Salam!* SLM indica também aceitação (de boa ou má vontade) e a atitude religiosa de acolhimento da vontade de Deus – *iSLaM*. A mesma palavra SLM significa, ainda, integridade territorial.

Assim, de Salomão (**SaLuMun** ou **SuLaiMan**), Deus diz a seu pai Davi (um homem de guerras), em atenção ao nome de Salomão: “Este teu filho será um homem de *shalom*, pois Salomão é o seu nome” (1 Crn 22,9). E Deus, apesar da infidelidade do rei, mantém a “integridade”, a “totalidade” do reino de **Salumun** e diz: “Não tirarei da mão de Salumun parte alguma do reino...” (I Reis 11,34).

Atento às consoantes, o árabe identificaria imediatamente a proximidade de sentidos, para tomar exemplos em português, de: parto e porta, ou Datena e detona...

Se já o radical triconsonantal árabe confunde o ocidental, a situação se complica ainda mais com as metáteses. É relativamente frequente (e não casual) que metáteses, arranjos das consoantes, guardem relação de sentido entre si: assim b-r-k (benção) não por acaso, relaciona-se com grande k-b-r (a benção sempre busca engrandecer) e a principal benção, o primogênito é b-k-r. B-x-r é a boa notícia (daí, etimologicamente, as alvíssaras); já x-r-b é beber, comemorar (daí nossas “bebidas” xarope ou sorvete). É como em português as casuais: senador/desonra, terno/tenro, podre/poder ou desorienta/desnorteia.

Para finalizar, outra estrutura surpreendente: o uso do passado para indicar futuro. A peculiar visão semita do tempo está ancorada no passado. É como se, numa visão monolítica do tempo, o presente e o futuro não tivessem autonomia em face do passado, este, sim, determinante e determinador. Essa preponderância do passado repercute na gramática. A gramática semita pode valer-se do passado para expressar o futuro, que aparece, assim, como mera resultante do passado. Como diz o Eclesiastes (1,9): “O que foi é o que será; o que se fez é o que se tornará a fazer: nada há de novo sob o sol!”. O futuro é, assim, até em termos gramaticais, determinado pelo passado e por ele expresso em sentenças proverbiais, como, por exemplo: “Quem semeia ventos, colhe tempestades”, que no original soa: “semeou ventos, colheu tempestades”. Tal fato torna-se compreensível quando nos lembramos de alguns exemplos de uso semelhante em nossa língua, especialmente em linguagem publicitária. Como na recente campanha da Skol retornável: “Trocou, economizou” (quem trocar, economizará); ou na antiga do Estadão: “anunciou, vendeu” (quem anunciar, venderá). Ou a do Sedex “mandou, chegou” (se mandar, chegará). E quem bater, levará (“bateu, levou”).

Esse passado voltado para o futuro, faz parte da mediação realizada por Helmi Nasr; da milenar tradição do Egito para a frenética São Paulo, abrindo caminhos ao andar, em missão de integração, paz, união: *islam, salam*.

Um sábio muçulmano no Brasil

– Publicado no *Jornal da USP* No. 809, 17-23/9/2007 –

EDUARDO CAMPOS LIMA

Helmi Nasr, professor aposentado da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, dedicou sua vida à aproximação do Brasil com o mundo árabe. Criou as cadeiras de Língua e Cultura Árabe da Universidade, traduziu para o português o *Alcorão* – livro sagrado do islamismo, ditado em árabe ao profeta Mohamed (Maomé), conforme a tradição – e desenvolveu o primeiro *Dicionário Árabe-Português* do mundo. Aos 85 anos, sua trajetória é coroada com uma honraria singular: em maio passado, o professor foi convidado a integrar o Conselho dos Sábios da Liga Islâmica Mundial, entidade de grande importância para os muçulmanos.

O Conselho dos Sábios é um dos muitos órgãos integrados à Liga Islâmica Mundial, uma confederação sediada em Meca, na Arábia Saudita, que congrega diversas organizações ligadas aos diferentes aspectos da vida muçulmana. Formada por 21 xeiques, professores universitários ou representantes de importantes associações, a entidade tem a função de debater as principais questões do islamismo e propor soluções para os problemas

encaminhados a ela. Seus membros foram escolhidos para representar os muçulmanos do mundo inteiro. Eles discutem sobre as questões endereçadas e têm a palavra final sobre elas, explica o xeique Ali Abdune, presidente do Conselho Superior dos Teólogos e Assuntos Islâmicos no Brasil. As decisões tomadas são informadas aos governos do mundo árabe e colocadas em prática, graças ao prestígio de que goza a Liga Islâmica Mundial. Cabe à instituição, ainda, o papel de planejar ações para preservar o modo de vida islâmico. O conselho deve apresentar projetos para melhorar a situação cultural no mundo árabe, explica o professor Nasr.

O ingresso do professor Helmi Nasr é uma alegria ainda maior para a comunidade muçulmana do Brasil, já que é a primeira vez que um latino-americano é convidado a tomar parte do corpo superior de eruditos. Nossa felicidade é que agora temos uma voz direta nesse conselho para levar as questões surgidas na comunidade muçulmana do Brasil, comemora o xeique Abdune.

O próximo encontro do grupo, que se reuniu pela primeira vez em abril de 2006, acontecerá em novembro. O professor Nasr já tem planos. Meu trabalho será pautado por um esforço de valorização de nossa cultura básica, no lugar de seguir as influências modernas. Muitos países árabes agora são atingidos pela cultura norte-americana, inglesa e francesa e pensam que a civilização existe apenas lá. Pouca gente reconhece que a cultura original tem tesouros no que se refere ao aspecto humano, aponta. Após a nomeação, o professor Nasr recebeu cartas de congratulações de diversos embaixadores brasileiros em países árabes e até do chanceler brasileiro, o ministro Celso Amorim.

O convite para integrar o Conselho dos Sábios não foi feito por acaso. Nascido no Egito, o professor Nasr desde cedo interessou-se pela tradição islâmica, indo a Paris fazer seu doutorado

em Estudos Islâmicos, na Universidade Sorbonne, após concluir seus estudos de graduação no Cairo. Sua intenção era, até aquele momento, integrar o corpo diplomático de seu país.

Ao retornar ao Egito, no começo da década de 60, entretanto, acabou sendo nomeado para lecionar na Universidade do Cairo. Nessa época, o presidente brasileiro, Jânio Quadros, foi ao Egito para se encontrar com o presidente Gamal Abdel Nasser. Após a reunião, ele ficou encantado e prometeu ao presidente Nasser que criaria um departamento de estudos árabes na maior e melhor instituição universitária brasileira, a USP, lembra o professor. Para tanto, Jânio Quadros solicitou que o Egito enviasse ao Brasil um professor e o presidente Nasser atendeu seu pedido, solicitando à Universidade do Cairo que designasse um docente. Não dispúnhamos, contudo, de nenhum professor que soubesse falar português e a universidade demorou a dar uma resposta. Nasser fez uma nova solicitação, com caráter de urgência, e o diretor acabou tomando sua decisão. O diretor me disse que, como eu falava francês, que é uma língua latina como o português, deveria ser eu o escolhido. Pedi um tempo para pensar e, no dia seguinte, concordei, colocando como condição que gostaria de ficar apenas um ano no Brasil, recorda.

Nasr aportou no Brasil em 1962. Sua adaptação não foi difícil. Convivia com muitos imigrantes, que falavam árabe e um pouco de português. Além disso, tive uma boa relação com as primeiras turmas, que sempre me ajudavam com a língua portuguesa. O curso de Árabe se tornou, com a chegada do professor, uma disciplina regular da então chamada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, sendo logo de início muito procurada. A maioria dos alunos, desde as primeiras turmas, era formada por brasileiros que não tinham origem árabe, mas tinham interesse por nossa língua e nossa cultura, afirma.

As boas condições de trabalho que teve na USP, com a fundação do Centro de Estudos Árabes da Universidade, e o sucesso no trabalho com os alunos fizeram com que o professor começasse a prolongar sua permanência no País. Estimulado pelo sucesso das atividades, Nasr escreveu ao ministro de Educação da Arábia Saudita solicitando auxílio para a construção de um laboratório para o ensino da língua árabe. Após audiência com o rei, o ministério enviou ao professor uma generosa quantia em dinheiro, com a qual foi estabelecido um laboratório audiovisual de última geração.

Depois de dois anos, o professor deu início ao seu primeiro grande projeto: a produção de um dicionário árabe-português, algo que ainda não existia. Pedi uma bolsa da Fapesp para um aluno do curso, Luís Rosa, e começamos a escrever o dicionário, conta. O trabalho auxiliou gerações de alunos do curso de Árabe, que não tinham outra maneira de consultar palavras no idioma, mas ficou guardado no armário por cerca de 30 anos, aguardando a publicação que aconteceria apenas em 2005, por iniciativa da Câmara de Comércio Árabe Brasileira, da qual o professor é vice-presidente de Relações Internacionais.

Os anos foram passando. Novos projetos apareceram e o professor acabou ficando no País, fazendo visitas anuais a seus familiares no Egito e em outras nações árabes, aproveitando suas viagens pela Câmara de Comércio. Um dos projetos realizados pelo professor foi a versão para o árabe de *Novo mundo nos trópicos*, de Gilberto Freyre. A tradução do *Alcorão* para o português foi outro projeto que lhe tomaria diversos anos.

Em 1982, surgiu a ideia de fazer uma tradução do sentido do Alcorão para o português. Havia em língua portuguesa, até então, oito versões, sendo sete delas produzidas por escritores cristãos.

Apenas uma tinha sido feita por um muçulmano, porém mesmo ela tinha uma base cultural frágil, conta o professor.

As traduções anteriores apresentavam falhas gritantes. Às vezes, o tradutor não conhecia termos ou expressões utilizadas e simplesmente apagava o versículo. Eram também comuns erros simples de conhecimento do idioma, como a confusão entre a palavra em árabe para *eternidade*, que dava nome a um versículo, e *a tarde*, que foi a maneira como ele traduziu, relata. Um dos autores chegou a fazer a tradução em formato de poesia, o que é proibido pelo islamismo. Analisei diversas dessas falhas, certa vez, e descobri muitos motivos para rir ou para chorar, se preferir, brinca.

A Arábia Saudita fez uma solicitação para que Nasr traduzisse algumas obras relativas à cultura islâmica, mas ele enviou uma contraproposta. Não havia necessidade ainda de traduzir outros livros, mas sim de traduzir a base da cultura islâmica. A ideia foi aceita por Meca e então comecei o trabalho, conta o professor.

Foram necessários quatro anos de trabalho contínuo. Helmi Nasr afastou-se da USP e formou uma equipe especializada na gramática e na cultura árabe, trabalhando incessantemente. Depois de mais 18 anos de revisão, feita pela Liga Islâmica Mundial em Meca, a publicação foi autorizada. Desde a edição, em 2005, a Câmara de Comércio Árabe Brasileira já distribuiu 30 mil exemplares no País.

O Papel da Imagem na Tradição Árabe

– Conferência para concurso de Professor Titular FFLCHUSP, 22-6-98;
publicado em *Collatio* N. 2, 1998 –

AIDA R. HANANIA

Escolhi para tema desta exposição “o papel da imagem na tradição árabe”, papel da imagem no que ela tem de fundamental para a compreensão das expressões artísticas árabes, buscando aquilatar o grau de importância que têm as mesmas em face da cultura em que se inserem. E devo dizer que a escolha se deu, por entender que o conteúdo deveria incidir – sendo possível – em tema aglutinador das escolhas feitas ao longo de minha vida como docente e pesquisadora.

Considerando aspectos centrais de meu trabalho, percebo que meu interesse caminhou, muito frequentemente – por sendas diversas e aparentemente independentes – na direção da importância fulcral que tem a palavra no âmbito da Cultura Árabe, focalizando as instâncias em que mais apropriadamente ela se revela: o conto sentenciado, o provérbio, o teatro ou o conto dramatizado, culminando com a palavra alcorânica e a Arte Caligráfica. Decorrente desta constatação – e até como condição para que esta importância ressalte na tradição árabe – pareceu-me interessante analisar –

ainda que de modo horizontal, dadas as proporções de tempo que nos condicionam no momento – o contraponto da palavra, a *imagem*, perscrutando seu valor não só em sua dimensão religiosa, mas, mais amplamente, em sua dimensão antropológico-cultural, organizando um percurso de observação que não vise apenas à realidade árabe sob a égide do Islão, mas que inclua também, a realidade pré-islâmica da Península Arábica, nascedouro da última grande religião monoteísta.

No contexto árabe, o estudo da imagem adquire uma instigante complexidade e torna-se cada vez mais necessário, na medida em que a intrusão da imagem sob as formas modernas: plástica, audiovisual, “internética”, digamos assim, em estruturas sociais de dominante amplamente tradicional leva a desequilíbrios enriquecedores e às vezes, a mudanças radicais.

Diga-se de passagem também que, ainda hoje, os analistas da assim chamada sociedade pós-moderna, cifram sua caracterização como *eikon* em oposição a *logos*, a civilização da *imagem* em contraposição a uma civilização da *palavra*¹.

Ao falar de imagem, remetemo-nos muito naturalmente ao âmbito da arte, campo onde mais sensivelmente se pode observá-la.

Quando nos referimos a arte árabe, referimo-nos, ao mesmo tempo, a arte islâmica, à qual está intimamente vinculada e com a qual se confunde, a partir do movimento expansionista árabe que se segue ao advento do Islão no século VII, ocorrido no coração da Arábia, em razão da divina mensagem revelada a Muhammad em língua árabe e consubstanciada, mais tarde, no Alcorão, texto maior do muçulmano.

1. Cf., p. ex., Roque S. Maciel de Barros – “As ‘Duas Culturas’: variação sobre o tema”, *Cadernos de História e Filosofia da Educação*, nº 1, FEUSP, 1993, p. 8.

Mas, antes de considerarmos que *primi motori* presidiram a criação islâmica, é preciso saber se determinadas características foram cultivadas, se estas tiveram um papel permanente com relação à arte ou ainda, se enquanto fenômeno islâmico, a arte não é apenas uma variante regional e temporal de outras entidades artísticas (como se sabe, a civilização árabe islâmica formou-se no curso de sua expansão, a partir do contato com povos os mais diversos em estágios culturais também diversificados).

Para tanto, parece fundamental distinguir uma mentalidade, uma atitude em face da arte, uma motivação psicológica, assim como um sistema intelectual.

Creemos oportuno, pois, refletir sobre algumas peculiaridades de ordem espaço-temporal, importantes à conceituação de todo e qualquer aspecto concernente à Cultura Árabe.



Estilo kûfi ortogonal (Samarkanda): “Não há deus senão Deus e Muhammad é o mensageiro de Deus”
(profissão de fé muçulmana)

Tendo início a formação da *Umma* em 622, a almejada nação árabe-islâmica adquiriu seus contornos maiores com a chegada dos muçulmanos à Península Ibérica em 711. Não se deve deduzir, entretanto, que a formação da arte e seu pleno desenvolvimento coincida com o tempo absoluto, marcado pelas datas a que nos referimos. Há que se ater ao tempo relativo, pois o processo de implantação da língua árabe e da religião islâmica gerou uma rea-

lidade bastante complexa, determinada pela união de várias etnias, várias culturas, várias filosofias.

O grau de islamização de cada região ou grupo social foi extremamente diversificado, não só porque o momento histórico em que ocorreu era outro, mas – e sobretudo – em virtude do maior ou menor arraigamento das populações conquistadas a seus valores originais. Para exemplo, tomemos a Pérsia, que à época da arabização era uma região das mais florescentes sob todos os aspectos e que manteve, com a incorporação dos valores árabes e islâmicos, muita autonomia na condução de seu desenvolvimento cultural (uma autonomia que se projeta até hoje, aliás, pelas especificidades de sua prática político-cultural).

Outro exemplo é dado pelos berberes. Apegados de modo intenso a sua condição de povo de “amazigh” (homem livre), instalados ainda hoje na região do Magreb, parecem ter se islamizado massivamente, apenas por volta do século XI, mesmo assim, guardando respeito por tradições ancestrais e usando, ao lado do árabe, sua língua berbere original. Aliás, os valores berberes estão muito vivos ainda hoje, coexistindo com os valores árabes e islâmicos (a propósito, chamou-me curiosamente a atenção em Paris, o depoimento de uma colega da Universidade de Constantina na Argélia, que se definiu politicamente como árabe, do ponto de vista religioso, como muçulmana e culturalmente como berbere...).

A incessante afirmação de uma realidade específica no seio de uma entidade ontologicamente unitária não cessou de existir, mesmo com o renascimento cultural empreendido no mundo árabe, ou seja a *Nahda*, movimento iniciado por cristãos e não por muçulmanos... A própria *Nahda*, pois, é um exemplo do que acabamos de dizer.

É interessante notar que a ordem instaurada pelo Islão, ao longo de oito séculos, pôde, em certo momento, aproximar mais culturalmente a Andaluzia do Egito que do próprio norte da Espanha... A propósito, observa Grabar²: “no ano 700 de nossa era, é provável que Córdoba e Samarcanda não tivessem conhecimento uma da outra; em 800, faziam parte do mesmo mundo, o que não mais era válido em 1200. Na mesma época, Granada fazia parte da civilização de Samarcanda, mas não mais da de Córdoba. Em 1450, Constantinopla era ainda um bastião da arte bizantina cristã, mas em 1500, sua produção artística poderia se comparar à de Delhi ou Marrakesh”.

Essa desigualdade, manifesta tanto em dimensão histórico-geográfica, quanto sócio-cultural, por certo repercutiu no modo de expressão artística, levando à coexistência de posturas mais ou menos rigorosas no que toca à relação da doutrina islâmica com as culturas pré-existentes nos contextos que se iam arabizando.

Por outro lado, o patrimônio artístico das regiões conquistadas veio, muitas vezes, fecundar a original aridez de uma civilização, de início, muito austera.

Ao nos determos, porém, nas peculiaridades que configuram a arte, para além da adoção de traços ou do amalgamento de traços adquiridos pelos caminhos trilhados pela Civilização Árabe, verificamos que há certas constantes na concepção artística, tanto no espaço como no tempo; constância ligada a modelos consagrados pela tradição, apesar das variações regionais e da imensa área abrangida pelo Islão, cuja população engloba todas as raças (deemos levar em conta que a expansão islâmica atravessa todo o

2. Grabar, Oleg. *La Formation de l'Art Islamique*, Paris, Flammarion, 1987, p. 14.

Oriente, chegando até a China e, em direção ao Ocidente, abrange todo o norte da África, com repercussão pelo interior do continente, e parte da Europa). É para estas constantes que nos voltamos, ainda que brevemente, hoje; constantes que gravitam em torno do binômio palavra/imagem.

Vê-se que prepondera fortemente a ausência da imagem na obra de artistas muçulmanos, bem como a fascinação por uma forma decorativa não figurativa, sendo notório o valor da escrita, a repetição em grandiosa caligrafia da divina mensagem. A ausência da imagem também faz-se sentir no plano ensaístico: os críticos árabes, ao longo do tempo, não têm comentado a arte, a não ser em sua forma abstrata (indicando, de algum modo, que apenas a arte abstrata mereça relevo). As artes plásticas – embora existentes, timidamente, já a partir do século VIII, com visível apogeu no século XI e XII, quando do desenvolvimento das miniaturas – não suscitaram a efervescência teórica e analítica que acompanha as realizações correspondentes da arte ocidental em todas as épocas.

Tomando para exemplo, o tunisino Ibn Khaldun, conhecido autor do século XIV, em seus *Prolegômenos, Tratado de Filosofia Social* (aliás, existe uma bela tradução em português feita por José Khoury diretamente do árabe), verifica-se que ao abordar as formas de expressão cultural árabe islâmica, silencia sobre o problema da criação plástica, o que revela a natureza estrutural desta lacuna.

Por outro lado, considerada no âmbito teológico, a questão da imagem é ainda mais complexa e convocou figuras eminentes do mundo islâmico³ através dos séculos como a de Al-Gazali no século XI que em sua obra *Ihya 'Ulum Al-Din* (Vivificação das Ciências da Religião) condena os afrescos bizantinos representan-

3. Cfr. M. Aziza in *L'Image et l'Islam*, Paris, Albin Michel, 1978, pp. 45,46.

do seres humanos e animais, não tolerando senão os que representam seres inanimados.



(Caligrafia de Hassan Massoudy)

Outro conhecido autor medieval, Mohamad Ibn Sirine, em sua obra *Mokhtar al Kalam fi tafsir al Ahlám* (*Palavras escolhidas para interpretação dos sonhos*), afirma que o pintor é um sonhador e por isso, vive sob o influxo do falso, pois “a imagem procedente do sonho remete a uma realidade fictícia”.

Al – Naboulsi vê na imagem “o sinal enganoso que mascara a alusão e a torna incapaz de remeter à sua realidade expressiva superior” e Ibn Chahin vê na imagem, a “personificação da mentira”.

Exceção feita de alguns estudiosos árabes – todos contemporâneos, tais como Mohamed Aziza na Tunísia, Afif Bahnassi na Síria, Jabra Ibrahim Jabra no Iraque e alguns outros, ligados de algum modo ao estudo da imagem plástica – a omissão de estudos a respeito de uma estética árabe é evidente. É significativo

observar que há não muito tempo atrás, a revista tunisina *Al-Fikr* consagrava um número especial voltado à Cultura Árabe. Ora, este número foi realizado não só por tunisinos, mas por árabes de diferentes países que abordaram a totalidade dos domínios da cultura, bem como dos gêneros artísticos, salvo as artes plásticas!...

São os críticos e historiadores da arte ocidentais, entretanto, dentre os quais merecem destaque Oleg Grabar, Douglas Talbot Rice, Titus Burkhardt, Fritjohf Schuon, Richard Ettinghauser que, de certa forma, dedicam-se a preencher este vazio e a superar a falta de estudos sobre uma estética árabe, buscando caracterizar a arte figurativa árabe, o que acaba implicando necessariamente, a valorização da arte abstrata, representada fortemente pela Caligrafia e pelo Arabesco.

É contestável, entretanto, a afirmação de Von Grünebaum⁴, segundo a qual, a Cultura Islâmica seria constituída, procedendo por aceitação ou eliminação de elementos do legado que recebeu das culturas anteriores (do Egito, Mesopotâmia, Bizâncio, etc), estando entre as que o Islão rejeitou, a arte plástica e até a arte dramática (que não deixa de ter uma interface com a plástica, consequência da representação humana). Afirmação contestável, que remete a uma questão complexa e vejamos por que.

A ausência da imagem, profundamente associada à visão de mundo árabe e islâmica, decorre muito naturalmente da concepção teológica central do texto sagrado. O Alcorão, palavra incriada do Deus único, eixo de todo um ser coletivo e individual, é considerado o Signo-Fonte da Sabedoria, do Dever e da Beleza.

4. Von Grünebaum, G. E. – “Idéologie Musulmane et Esthétique Arabe” in *Revista Studia Islamica*, Paris, 1955.

A escrita tornou-se uma das formas mais proeminentes de inserção do signo na realidade e na memória dos homens, fixando a língua que se tornou o veículo da Revelação.

Na verdade, o Alcorão, mais do que um mero texto sagrado, é um amplo código de conduta religiosa, moral, social e filosófica, além de expressar uma lei e, por assim dizer, uma ideologia. É o parâmetro para toda uma vida prática e intelectual.

Desse modo, o Islão pôde proporcionar uma ordem a um vastíssimo território, guardando uma uniformidade básica.

Oscilando dialeticamente – de modo sutil – entre o geral e o particular, o comum e o específico, os árabes não perderam de vista o objetivo maior, a consolidação da entidade unitária representada pela *Umma*, oferecendo aos povos conquistados, a convicção clara de pertencer a uma civilização e a um projeto “árabes”, refletindo um desígnio divino. A propósito, lembra-nos Aziza⁵: “A la notion d’unité raciale et ethnique se substituait peu à peu, une unité du devenir, le devenir arabo-musulman.”

O pensamento alcorânico é total e sua língua é perfeita, porque procede do Verbo do Altíssimo que desceu à Terra. Este Verbo fez-se escrita. Escrita que se materializou na Caligrafia, que representa o corpo visível da divina palavra.

Para o Islão, o nome sagrado de Deus e o Alcorão equivalem à Encarnação para o cristão: o mesmo senso de devoção que o cristão nutre por Jesus, Verbo Encarnado, é o que o muçulmano nutre pela escrita da palavra divina e pelo Alcorão que a acolhe. Diferentemente, pois, do Cristianismo (e poderíamos acrescentar, do budismo, por exemplo), o Islão jamais teve a necessidade de uma iconografia centrada na vida terrestre de seu fundador:

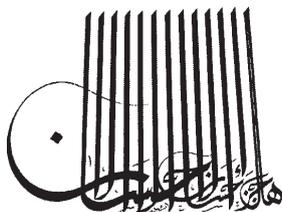
5. In *L’Image et L’Islam*, op.cit., p.48.

Muhammad, ao contrário de Cristo, era um ser apenas humano, eleito por Deus, sim, para transmitir sua mensagem na terra. Mas é a própria mensagem divina que, sob sua forma escrita, deve receber observância e culto.

Essencialista, a arte islâmica levou a extremos a reserva quanto à imagem, quase negando a própria possibilidade de uma arte figurativa, ao menos vendo-a com precaução e desprezo.

Convém examinar um pouco mais de perto, esta prevenção contra a imagem. A prevenção contra a imagem já permeava, como se sabe, os preceitos das grandes religiões monoteístas anteriores ao Islão.

Entre os antigos semitas, a idolatria judaica mereceu o cabal repúdio dos profetas. Erguem-se contra ela, incisivos discursos como os de Isaías e Jeremias. Ainda no Velho Testamento, a famosa passagem de Êxodo 20, 4, por exemplo, preceitua imperativamente: “Não farás imagem talhada, nem qualquer representação das coisas que estão no céu e na terra, ou nas águas sob a terra”.



“Não será a bondade a recompensa da bondade? (Alcorão LV, 60)”
(Caligrafia de Hassan Massoudy)

Charly Clerc, em seu clássico *Les Théories relatives au Culte des Images chez les auteurs grecs au II^e siècle*⁶, alude à desconfian-

6. Paris, Fontemoing & Cie., 1915.

ça que se estendia à arte manual por sua possível associação com o objetivo idólatra: “Le Créateur des choses ne peut être renfermé dans une création d’homme – Ce serait un blasphème que de le supposer. Quant à vénérer dans une image, le symbole de l’Etre divin, il ne peut en être question. Car, outre qu’une telle adoration est dépourvue de sens – on sait à quels égarements elle entraîne”.

Antes de prosseguirmos com a análise do problema no Islão, contrastemos a questão contra o pano de fundo das concepções cristãs, das leituras cristãs do tema da imagem e da antropologia a ela subjacente.

Se para o cristão, há sensível gradação na conceituação da imagem: não se deve adorar, mas reverenciar a imagem da Virgem, de Jesus e dos Santos; para o cristão oriental, as regras de preservação da sacralidade são mais rígidas; ele exclui a tridimensionalidade da imagem talhada, a estátua esculpida, admitindo apenas os ícones, imagens pintadas em superfície plana.

Há que ressaltar, entretanto, que houve, no decorrer da história, importantes manifestações em favor da imagem para o cristianismo.

Extremamente significativa, por exemplo, foi a polêmica intervenção de São João Damasceno (séc. VII) que, no acirramento do iconoclasmo – um contágio da presença de árabes muçulmanos nos limites do Império Bizantino – busca recuperar, fortalecendo em seus três discursos tornados célebres em prol da imagem sagrada, seu valor próprio, a imagem como consequência clara do realismo cristão, presente na realidade histórica e ontológica da encarnação.

Disse-o bem Vittorio Fazzo⁷, ao interpretar o pensamento de

7. In Giovanni Damasceno – *Difesa Delle Imagini Sacre*, Roma, Città nova Editrice, 1993, p.19.

João Damasceno: “O mundo em que o Verbo de Deus desceu por encarnar-se verdadeira e realmente, não é um mundo de sombra, mas um mundo a que a realidade e a bondade originária da matéria é dada diretamente pela criação de Deus”. Cabem aqui, as palavras do próprio Damasceno em seu Segundo Discurso: “De fato – diz ele – se Deus se encarnou e pela carne foi visto sob a terra e se, devido a sua indizível bondade, conviveu com os homens e assumiu a natureza, a consistência, a forma e a cor da carne; então, não estamos errados em fazer sua imagem. Nós desejamos ver sua figura”...⁸

São palavras que guardam nítida ressonância salmística. Veja-se, por exemplo, o salmo 27,8: “Vultum tuum, Domine, requiram” / Eu anseio tanto por ver teu rosto, Senhor.

Reiterada ao longo do tempo, a importância da imagem cristã encontrou no século passado e neste, no teólogo russo Vladimir Soloviev e no escritor britânico Gilbert Keith Chesterton, seus defensores mais rigorosos.

Mas, voltemos ao Islão. Embora o tema da imagem seja infinitamente profundo no cristianismo, aqui, naturalmente, estas referências só nos importam como contraponto.

Um primeiro fato surpreendente para quem se inicia nestes estudos, com relação ao Islão é que, examinando-se o texto alcorânico, constata-se que nele não há interdição definitiva da imagem ou da arte em geral.

É evidente e muito clara, entretanto, a condenação da idolatria, uma vez que “será proscrito todo objeto de arte que se torne cultuado”. Tal condenação explicita-se de modo cabal na sura 53, versículos 19 a 23, quando, em relação aos ídolos mais famosos

8. Ibidem, p.95.

adorados pelos árabes pagãos (três estatuetas femininas), o Alcorão afirma: “Al-Lat, Al-Uzza e Manat não são mais do que nomes, que vós e vossos pais lhes haveis dado. Deus não fez descer sobre elas nenhum poder”.

Já quanto aos *hadiths*, tradições, isto é, compilações que se referem à conduta e à fala do Profeta, verifica-se que em suas declarações está contida a hostilidade à arte em geral e, em particular, à figurativa. Verifica-se ainda que a condenação surge com mais veemência contra o artista do que contra a sua obra, conforme um de seus mais reconhecidos aforismos: “os artistas que fazem imagem serão punidos no Dia do Juízo por um julgamento de Deus que lhes determinará a impossível tarefa de ressuscitar suas obras”.

Outra razão implícita da condenação do artista e da imagem que produz, escuda-se no fato de que a mensagem nuclear do Alcorão, consiste em afirmar a unicidade e o total poder de Deus. A relação dos Atributos de Deus (*Asma 'Allah al Husna*) mostra que um de seus qualificativos é *Al – Mussawir* (o criador de formas), o mesmo termo utilizado para pintor. A partir daí, todo artista que produzisse formas pintadas e sobretudo esculpidas seria um rival de Deus no exercício de Suas atribuições principais.

O muçulmano vê a representação como blasfêmia, pois só Deus tem o poder criador da vida. Na visão hindu, por exemplo, e na cristã, a arte figurativa representa um modo de falar de Deus, da natureza e não de imitá-los ou de competir com eles.

Não se pode esquecer, por outro lado, que um ponto fulcral da doutrina islâmica é o combate ao politeísmo e ao totemismo vigente entre os árabes da *Jahiliya*, literalmente, época da ignorância, isto é, a época pré-islâmica, de desconhecimento da mensagem divina, donde a importância conferida à palavra escrita em dupla dimensão: iconográfica e educativa.

O Islão, afirmação da Unidade divina consiste numa conformidade ritual e espiritual do homem e da sociedade com a Lei Alcorânica, portanto com a Unidade. É neste sentido que se manifesta Schuon⁹, quando afirma, conciso: “L’Islam est un bloc spirituel religieux et social”, pois a idéia de Unidade é o suporte de toda a espiritualidade e, de certa forma, de toda atitude social.

A Igreja é um centro e não um bloco. O cristão leigo é, por definição, um ser periférico. O muçulmano é um ser central em sua tradição (aliás, nem caberia falar em muçulmano leigo, como também não há sacerdotes; para o Islão, o muçulmano é sacerdote de si mesmo).

E a Unidade não é exprimível em termos de imagem.

Outro erro fundamental do ponto de vista da figuração para o muçulmano é que com a utilização da imagem, ocorre a projeção da natureza do absoluto no relativo, atribuindo-lhe uma autonomia que não lhe pertence.

Nesta linha de considerações, a ausência de imagens nas mesquitas tem dois objetivos: um é o de eliminar a presença que se poderia colocar contra a presença – ainda que invisível – de Deus e que poderia, além disso, tornar-se fonte de engano por causa da imperfeição de todos os símbolos; o outro é a afirmação da transcendência de Deus, considerando que a Divina Essência não pode ser comparada com absolutamente nada.

A arte abstrata, por sua vez, esta sim, é a expressão de uma lei e manifesta, tanto quanto possível, a Unidade na multi-plicidade. Burkhardt acrescenta: “Arte para o muçulmano é uma prova da divina existência; deve ser bela, sem revelar as marcas de ins-

9. Schuon, Frithjof *De l’Unité Transcendante des Religions*, Paris, Gallimard, 1948,

piração individualista e subjetiva; sua beleza deve ser impessoal como a beleza do céu estrelado”.¹⁰

Com efeito, a arte islâmica deve atingir uma espécie de perfeição que pareça ser independente do autor; seus triunfos e seus fracassos desaparecem diante do caráter universal das formas.

Para além de seu significado hierático adquirido a partir do Islão, as razões de valorização da palavra já se encontram na mais longínqua Arábia pré-islâmica, no âmago do deserto que é o mentor do encontro do homem consigo mesmo, sem outra mediação, a não ser a do silêncio que eloquentemente o povoa.

Nesse mundo de ausência, de vital impacto com seu ser mais íntimo, a gente do deserto previne-se contra tudo o que, de certa maneira, se liga ao mundo do visível, preferindo a visão interior à representação clara e manifesta, o que está contido no conhecido provérbio:

“Al tukhaiulát ahám min al ma’rifá” /

A imaginação é mais importante que a realidade.

A imagem não tem significado real, aproxima-se da miragem. O deserto é o mundo do invisível e principalmente, um mundo sônico.

Já na primitiva realidade árabe, os meios de expressão artística são, compreensivelmente, a poesia e a música: duas vertentes que se exprimem pela palavra e que são essenciais, porque procedem do espírito e a ele retornam, suprimindo a necessidade de beleza e de ligação com o mundo de que todo homem não prescinde; o errante em particular.

10. Burckhardt, T. Sacred Art in East and West, Middlesex, Perennial Books, p. 107.

O significado da existência insinua-se também na palavra indefinidamente repetida da parábola, do provérbio, do conto, cujas formulações tocam de perto o homem em seu cotidiano e em seu interior, facilitando a interpretação do mundo e da natureza.

O Alcorão surge como que determinado por e para essa realidade.

É o signo máximo, que deve ser lido, interpretado e decifrado em toda dimensão, porque traz o grande significado do Mundo e da Natureza em seus versículos, chamados apropriadamente *ayát*, isto é, sinais, cuja presença é inextricável da presença de Deus.

Na inspirada formulação de Flusser, em seu artigo “Ex Oriente Lux”¹¹, “Deus se manifesta escrevendo e o homem se aproxima de Deus, lendo aquilo que está escrito. Se o olho físico e mental do homem acompanha atento as curvas da letra, seu espírito é elevado em curvas até o espírito universal. É preciso sorver a letra em sua concreção compacta, se quisermos compreender a plenitude do termo ‘verbo encarnado’. Deus está encarnado na letra. A letra e a escrita são o aspecto fenomênico e compreensível de Deus. Deus escreve. A palavra árabe que significa escrever consiste das letras KTB e estas letras denotam a atividade divina. Denotam, com efeito, o próprio fundamento da realidade que cerca o homem. Aquilo que é, é, porque assim está escrito: ‘*Maktub*’. Deus se manifesta duas vezes. É autor de dois livros O primeiro é a natureza, o segundo é o Alcorão. Mas os dois livros, embora de forma diferente, são idênticos quanto ao conteúdo (...) O estudo do Alcorão é uma iniciação ao estudo da Natureza. O estudo da Natureza é uma procura de Deus”.

11. Flusser, V. “Ex Oriente Lux” *Cavalo Azul*, citado na *Revista de Estudos Árabes*, DLOFFLCHUSP, Ano I, nº 2, 1993.

Como corpo da Revelação, a Caligrafia ou Khat é a própria identidade do Islão, exercendo-se como elo entre a Natureza e o Alcorão, ao plasmar os sinais de Deus em seu duplo sentido: sendo abstrata é, em certa medida, figurativa, visto ser a própria encarnação do Verbo; sendo visível presença da divina palavra, remete ao Invisível (Ghayb).

A Caligrafia não é, pois, uma arte em substituição à imagem. Na verdade, a palavra divina fêz-se imagem e como tal é cultuada na tradição árabe.

Esta dimensão filosófico-religiosa radica, inevitavelmente, a Caligrafia na base da teologia muçulmana. O caráter desta relação profunda ressaltará sempre na Arte Caligráfica, mesmo quando dessacralizada ou utilizada de outro modo (como faz o calígrafo Hassan Massoudy, por exemplo, ao promover, por meio de sua arte, o teor humanístico do pensamento): pela reverência do traço, magnificência do estilo, solenidade do gesto e significativa presença da cor. Sobretudo pela estrutura física da escrita (privilegiada pela enorme plasticidade de que são dotados os caracteres árabes) realizando-se pela ordenação das letras em duas disposição: uma vertical que conduz à ascese, representada principalmente pelo *alif* e pelo *lamm* e outra horizontal, que as junta, tecendo a unidade e o ritmo que virá a configurar o signo estético, seja ele de cunho religioso ou não. A sacralidade, porém, passa a necessariamente integrá-lo.

Muito embora tenha se realizado, a conquista da arte figurativa e seu conseqüente desenvolvimento até o presente, entre os muçulmanos, nunca teve um percurso tranquilo, ainda que se verificasse sempre no âmbito do profano. Suscitou sempre acirradas polêmicas e acaloradas discussões acerca de interpretações dogmáticas.

Houve, evidentemente, níveis diferentes de aceitação e de restrição à imagem ao longo da história: a região da Pérsia, por exemplo mostrou-se mais liberal que as regiões de substrato semítico; houve uma atitude marcadamente moralizadora nos primeiros tempos do Islão, com vistas a extirpar de seu universo a idolatria, contrastando com a abertura maior do século XII, período sem dúvida de maior estabilidade político-cultural. E, retomando Grabar, diríamos que a “heterodoxia shiita mostrou-se mais permissiva que a ortodoxia sunita”. Contudo pairou sempre sobre a mão do artista – ainda que de modo não canonicamente explícito – certo desprezo pela imagem.

Por outro lado, há uma unanimidade, uma horizontalidade que atravessa a globalidade árabe: a importância da escrita, da Caligrafia como veículo máximo da simbologia islâmica: é escrita para ser *ouvida* no silêncio da fé que leva ao *Islam*. E é poesia para ser *vista*, pela harmoniosa concepção do signo como unidade estética.

Por sua dimensão ornamental, iconográfica e educativa, a Caligrafia cumpre uma função social que a valoriza, atendendo à preocupação com a “utilidade da obra” que todo artista, todo pensador e todo escritor árabe tem, por não conceber meramente *a arte pela arte*.

Integrada a uma fé e a um ideal, a Caligrafia tem seu fundamento num Islão que embora traga uma mensagem à Humanidade surge, inicialmente, ao homem árabe do deserto, falando sua linguagem e considerando sua mentalidade e seus valores...

O calígrafo Massoudy, ele mesmo um homem do deserto, sintetiza com rara percepção, essa compatibilidade:

“Para um muçulmano, o mundo das imagens ditas ‘reais’ não são mais que o reflexo enganoso de uma Realidade maiúscula que escapa necessariamente às armadilhas das aparências; afinal de

contas, a idéia que guardamos em nós da realidade, tem mais verdade que a aparência contingente que nossos sentidos nos liberam dessa mesma realidade.

Segundo esta visão, a palavra portadora da idéia, encarna a realidade mais do que a simboliza. Sem querer levar mais adiante o paradoxo, eu diria que a figura pintada não é senão o signo de uma realidade que ultrapassa a representação e que, ao contrário, o signo caligrafado, encarregado de traduzir abstratamente as figuras do mundo, toma lugar, por sua vez, entre as figuras do mundo e, por esta razão, adquire autonomia, vontade, carne.”¹²

Salah Stétié, entre filósofo e poeta, busca também explicar a constante oposição à imagem entre os árabes muçulmanos, afirmando: “Les formes que nous avons sous les yeux ne sont que des assemblages momentanés d’atomes. Elles sont destinées à passer. La ligne n’existe pas: elle n’est qu’un point qui se déplace et cette conception explique pourquoi la pensée musulmane, niant la ligne et la figure se soit rapidement détournée de la géométrie au profit de l’algèbre et de la trigonométrie (...) L’art musulman sera donc, s’il ne veut être blasphématoire, un art qui soulignera le changement”¹³.

A partir deste amplo embasamento – aqui, pelas limitações óbvias, mais indicado do que propriamente examinado – já podemos compreender porque os fundamentos propendem para a Arte Abstrata, mais precisamente à Caligrafia e não para a arte plástica, figurativa (e do mesmo modo, para a álgebra e não para a geometria...). E torna-se fácil compreender que – exceção feita da *ta’zieh*, dramatização persa shi’ita do martírio do Imam Hussein

12. In *Le Chemin d’un Calligraphe*, Paris, Phébus, 1991, p.138.

13. Citado por M. Aziza in *L’Image et l’Islam*, op. cit. p. 37.

(explicável historicamente) e da “minimização” da imagem pelo “teatro de sombras” não haja propriamente um teatro muçulmano e que praticamente, todo o teatro árabe, dentro da concepção que conhecemos no Ocidente, seja de lavra cristã.

Cem provérbios da tradição árabe

– publicado em *Notandum* 35/36, 2014 –

JEAN LAUAND

Ma qal al-mathal shay min kadhab
(*Os provérbios nunca mentem...*) – provérbio árabe

Introdução – para entender os provérbios árabes

A imensa criatividade da gíria brasileira criou a expressão “é a cara de”. Quando uma realidade expressa muito bem uma outra, resume-a em alguns de seus traços essenciais, diz-se que “é (ou tem) a cara dela”. Zeca Pagodinho é a cara do Rio; no campo das instituições, “cara do Rio” é o futevôlei ou o estratégico feriado municipal de São Jorge, 23 de abril, que, “por acaso”, faz ponte com o nacional de Tiradentes... (já os feriados paulistas, 25 de janeiro e 9 de julho, têm a cara de São Paulo: caem nas férias escolares...).

No campo da educação, os provérbios são “a cara” da pedagogia árabe. Certamente, todas as épocas conhecem e cultivam provérbios, mas, no caso do árabe (e dos Orientes em geral) eles expressam o núcleo mais profundo da cultura.

A coletânea que apresentamos aqui é uma pequena amostra dos cerca de dez mil *amthal*¹⁴ conhecidos no mundo árabe¹⁵.

Para entender os provérbios e o alcance do papel exercido pelo *mathal* na cultura árabe, é necessário antes conhecer algumas características da língua. Como se sabe, as características de uma língua transcendem o âmbito da mera comunicação e influenciam decisivamente o próprio modo de ver o mundo, condicionando de modo fundamental a cultura e todas as suas manifestações. Daí que o filósofo alemão contemporâneo Johannes Lohmann prefira falar – e ele contempla, de modo especial, o caso do árabe – em *sistema de língua/pensamento*¹⁶.

Um primeiro fato gramatical/mental que fundamenta o conceito lohmanniano de língua/pensamento dá-se em torno dos peculiares usos do verbo “ser”. Ao contrário do árabe, no centro semântico do sistema grego “encontra-se o verbo *esti* (ser) que, segundo Aristóteles, está implicitamente contido em qualquer outro verbo”. O ocidental, desde o início da aprendizagem formal da língua, está acostumado a pensar que toda frase é composta de nome e verbo. Quando, porém, entra em contato com a gramática árabe, surpreende-se com a presença constante da frase nominal,

14. A tradução do conceito – central para este estudo – de *mathal* (plural: *amthal*) pode ser aproximada pelos nossos “provérbio”, “comparação”, “parábola” etc. Aqui, enfatizarei a dimensão “provérbio” do *mathal*.

15. Consulte-se FEGHALI, Michel. *Proverbes et Dictons Syro-Libanais*, Paris, Institut d’Ethnologie, 1938 (3.048 provérbios), e FREYHA, Anis. *A Dictionary of Modern Lebanese Proverbs*, Beirut, Librairie du Liban, 1974 (4.248 provérbios). Além de serem autores extremamente criteriosos, apresentam edições bilíngues – Feghali (árabe/francês) e Freyha (árabe/inglês). Vali-me também de diversas outras fontes auxiliares.

16. O texto fundamental, no caso, é o artigo de Lohmann “Ma’na e Logos – estruturas linguísticas e formas de pensamento” *Revista Notandum* No. 31, disponível em <http://www.hottopos.com/notand31/47-56Lohmann.pdf>.

isto é, com o que, do ponto de vista ocidental, se considera frase nominal.

Para o árabe, simplesmente não existe o verbo “ser” como verbo de ligação, e ele está muito mais familiarizado com a frase nominal do que o ocidental que, nesses casos, pressupõe implícito o mesmo verbo “ser”. Essa função copulativa do verbo “ser” é uma particularidade das línguas indo-europeias a que já estamos tão habituados que não reparamos quanto é dispensável nem temos consciência de que possa inexistir em outras famílias linguísticas. Nós mesmos prescindimos do verbo “ser” em certos contextos¹⁷ e, particularmente, em enunciados proverbiais, como “tal pai, tal filho”, “casa de ferreiro, espeto de pau”, “cada macaco no seu galho”, “cada louco com sua mania”, “longe dos olhos, longe do coração” etc.

Não por acaso é precisamente no campo dos provérbios que o ocidental aproxima-se da estrutura linguística (e da forma de pensamento...!) árabe. A tradição ocidental herdou a consideração de que o verbo “ser” – que o português e o espanhol desdobram em “ser” e “estar” – encontra-se presente (ou pelo menos implícito) em toda sentença e subjaz a toda ação verbal. Por exemplo: “Chove” corresponde a “é/está chovendo”. Quando emprega a frase nominal, o ocidental pretende expressar algum tipo de ênfase peculiar, ao passo que o árabe, ao fazê-lo, está simplesmente se exprimindo de modo espontâneo, de acordo com sua postura diante da vida, com seu espírito essencialmente poético. Daí a particular afinidade da língua árabe com a estrutura dos provérbios, como se pode ver nos seguintes *amthal*:

17. Em contextos muito determinados, como em certas manchetes de jornal: “Empresa tal em recuperação judicial”, “Mais dois sul-americanos classificados” ou na linguagem telegráfica: “Estoque hoje mil unidades”, “Melhores votos novo casal” etc.

Cão do grande, grande; cão do príncipe, príncipe.
(*Kalb al-kabyr kabyr wa kalb al-amyr amyr*)

O sentido é claro: O cão que pertence ao homem grande deve – em atenção a este – ser tratado com a mesma deferência devida a seu dono e, do mesmo modo, o cão do príncipe é, por extensão, príncipe também.

Opressão do gato e não justiça do rato.

Ou seja, é preferível, é mais suportável (se não houvesse outra possibilidade de escolha) a opressão exercida pelo gato no poder do que a justiça do rato. O sentido é claro: o mais decisivo é a retidão moral do poderoso...

Se o sistema língua/pensamento *logos* – tal como se refere Lohmann ao sistema grego –, centrado no verbo “ser”, promove a busca de correspondência exata entre pensamento e realidade, o sistema árabe, *ma’na*, tende a um pensamento (e a uma comunicação...) por associação imediata, em que as conexões lógicas não precisam ser explicitadas.

Obviamente, os diversos fatos linguísticos (linguístico-mentais) que estou enumerando um tanto compartimentadamente são, na realidade, interligados. A associação imediata é o complemento natural da ausência do verbo “ser” enquanto verbo de ligação, o que se pode evidenciar – entre tantas outras instâncias – em diversos enunciados de provérbios como, por exemplo¹⁸:

O vizinho antes da moradia.
(*Al-jar qabla ad-dar*)

18. Devo estes dois exemplos ao Prof. Dr. Helmi M. I. Nasr. Os originais são rimados.

É mais importante pensar no vizinho que se vai ter do que na casa em que se vai morar.

O companheiro antes da viagem.

(Ar-rafyq qabla at-taryq)

Mais importante do que a viagem que se vai fazer é ter um bom companheiro de viagem.

Paul Auvray, em seu estudo sobre as línguas semíticas, analisa mais uma característica importante para entendermos os provérbios árabes¹⁹: um acentuado voltar-se para o concreto (ele refere-se ao hebraico bíblico, mas sua análise é válida para as línguas semitas em geral).

Naturalmente, trata-se de uma questão de *ênfase*, pois – insisto – este voltar-se para o concreto não é apanágio árabe ou semita. É fenômeno humano, *em alguma medida* presente em todas as línguas.

Auvray associa algumas peculiaridades da língua à conhecida observação de que “os antigos semitas não eram muito dados ao pensamento abstrato”. Após lembrar que “são raras em hebraico as palavras verdadeiramente abstratas”, dá alguns exemplos da língua bíblica que são também perfeitamente válidos para o árabe:

O vocábulo *derek*²⁰ mereceria um longo estudo. Sua primeira acepção é ‘via’, ‘caminho’, mas veio a significar também ‘atividade’, ‘maneira de agir’ ou ‘maneira de pensar’ (cfr. Êx 18,29 e ss.; 23,17 ss.). A imagem encontra-se com frequência

19. AUVRAY, Paul et al. *Las lenguas sagradas*. Trad. del orig. francés – *Les langues Sacrées* – por Juan A. G. Larraya. Andorra, Casal i Vall, 1959, p. 36 e ss.

20. Em árabe, *tariq*.

nos Salmos e no Novo Testamento, em que o grego *ódos* adquire o mesmo significado. Mas, em numerosas passagens dos escritos mais antigos, tem-se a impressão de que a imagem concebia-se como tal [...]. Outro tanto poderia indicar-se a respeito da palavra *rúah*²¹, que se traduz com frequência, e muito precisamente, por ‘espírito’. Não obstante, sua acepção prístina é a de ‘sopro’, ‘vento’. Em muitos textos o autor parece evocar os dois significados, o que complica o trabalho do tradutor: Deus insufla no homem ‘um sopro de vida’ ou ‘um espírito de vida’ (Gên 2,7).

Um sugestivo exemplo desse apego ao concreto é o *mathal* seguinte, em cuja tradução procurei conservar o sabor original árabe de frase nominal:

Pai dele, alho; mãe, cebola. Como pode ele cheirar bem?

Nessa imersão no concreto imaginativo própria do pensamento oriental, o comportamento é, antes de mais nada, associado ao aroma. O árabe, ainda hoje, diante do filho que lembra os pais, diz: “*Min riḥat umuhu*” – ou “*abuhu*” –, do aroma de sua mãe (ou pai) e, há dois mil anos, o apóstolo Paulo (cfr. 2 Cor 2,15) escrevia que os cristãos devem ser “*bonus Christi odor*”. Assim, o provérbio refere-se, de modo concreto, ao papel da família em relação ao comportamento dos filhos, enquanto o ocidental fala em abstrato: “herança de berço”, “má-criação”, “má-educação” etc.

Este gosto pelo concreto potenciará os provérbios árabes, pois a imagem (evocada pelo *mathal*), mais próxima da realidade imediata, sempre tem mais força persuasiva do que a articulação de mediatos conceitos abstratos.

21. Em árabe, *ruh*.

Se todas as línguas trazem em seu léxico inúmeras associações metafóricas, no árabe este fato é muito mais patente. Para o árabe, a extensão de significado é, por assim dizer, “levada mais a sério” do que no Ocidente...

É bastante ilustrativo o caso de outro provérbio que no Ocidente é expresso em extremos de abstração, ao passo que o árabe, para o mesmo conteúdo, vale-se da forma radicalmente oposta: concreta, figurativa. O ocidental diz:

Quem o feio ama, bonito lhe parece.

Mais abstrato, impossível: “Quem”, “o feio”, “bonito”...

Já a formulação árabe é:

Al-qurd b’ayn ummuhu gazal

(O macaco, aos olhos de sua mãe – é uma – gazela.)

Sempre o concreto! Para expressar, por exemplo, que algo é dificultoso e infundável (“Isso – essa conferência, essa visita importuna, esse discurso – não acaba nunca!”) evoca-se o mês do jejum:

Interminável como o Ramadã.

Provérbios existem em todas as culturas e também no Ocidente; mas não tão copiosamente e, sobretudo, não com a força psicológica e educativa que exercem no Oriente, que os potencia e lhes dá um importante papel pedagógico, a tal ponto que podemos falar numa *Pedagogia do mathal*.

Imediatamente decorrentes da própria forma de pensamento, dão-se em estado, por assim dizer, “quimicamente puro” na tradição árabe.

Conhecer provérbios é, no Oriente, conhecer a vida. Diz Feghali:

Un homme ou une femme qui ne savaient pas plusieurs centaines de proverbes et qui n'étaient pas capables de les débiter séance tenante, étaient alors regardés comme ignorants. On m'affirme²² que cet usage est encore vivant dans bien des villages libanais et dans d'autres pays de langue arabe²³.

Enquanto agentes privilegiados de uma educação invisível, os provérbios recolhem o saber popular, condensam a experiência sobre a realidade do homem: sua existência quotidiana, as condições de vida, o sensato e o ridículo, as alegrias e as tristezas, as grandezas e as misérias, a realidade e os sonhos, a objetividade e os preconceitos...

Feita esta breve introdução, passamos à seleção de provérbios árabes...

I – Realismo

Ser realista é saber tomar decisões acertadas, levando em conta um único fator: a própria realidade. Esse realismo é lucidez que permite ver com que pessoas e com que recursos se pode contar, é objetividade para prever as consequências de uma ação, é capacidade para escolher os meios adequados tendo em mira a consecução de um determinado fim, sem permitir que o medo, a covardia, a precipitação e os interesses interesseiros influenciem

22. Feghali estava, então, radicado na França.

23. FEGHALI, Michel. *Proverbes et Dictons Syro-Libanais*, p. xi.

negativamente essas avaliações e decisões. Curiosamente, o árabe combina uma refinadíssima sensibilidade poética com o mais prosaico realismo, em que o fato bruto é o que conta. Muitos provérbios nomeiam, expressam e aconselham o voltar-se para a realidade.

1

Eu já falei que é boi,
mas ele insiste em querer ordenhar...

2

Ele procura mel no traseiro da vespa²⁴.

3

Guardo-me de fazer com as mãos
o nó que deverei desfazer com os dentes.

4

O chacal engoliu a foice;
ouçam seus uivos depois para expeli-la²⁵.

5

Vender e arrepender-se é melhor
do que não vender e se arrepender.

24. Além de não encontrar mel, expõe-se ao ferrão que, como se sabe, está localizado precisamente no traseiro da vespa...

25. O chacal, como se sabe, vai comendo tudo, alegremente, indiscriminadamente...

6

Dá teu pão ao padeiro,
mesmo que ele coma a metade²⁶.

7

Eu não tenho medo do *alif*, mas do que vem depois!²⁷

8

Não comas alho e não cheirarás a alho.

9

Por Abu Bakr, segura essa cobra!²⁸

26. Em qualquer caso, melhor do que recorrer à improvisação amadora é confiar o serviço a um profissional. Entrego minha massa ao padeiro (que tem o forno apropriado e a técnica), mesmo que ele roube uma parte.

27. Aplica-se a inúmeras situações em que alguém se recusa a começar algo por temer o rumo que aquilo terá. Responde-se: “Eu não tenho medo do *alif*, mas do que vem depois” ante certas insistências: “Vamos lá, um copinho só...”, ou “Você não poderia se encarregar, neste ano, de organizar o almoço de reencontro da nossa turma de formatura?”, ou “Por que você não faz doutorado?... no exame de inglês você passa...”, “Por que você não aceita ser síndico de nosso prédio?” etc. A sentença procede de um caso que se tornou proverbial. Um garoto, recém-enviado à escola (e bem ciente das longas horas de lições de casa a que estavam submetidos seus irmãos mais velhos), recusava-se terminantemente a aprender a ler. Por mais ameaças e castigos que sofresse, continuava resistindo a pronunciar o *alif* (a primeira letra do alfabeto). O professor comunica o fato ao pai que, após infrutíferas surras, dirige-se docemente ao menino: “Meu filho, por que essa teimosia? O *alif* não vai te fazer nenhum mal, por que você tem medo do *alif*?” Ao que o garoto respondeu: “Eu não tenho medo do *alif*, eu tenho medo é do que vem depois...”

28. Diz-se quando o interlocutor pede uma tarefa impossível a quem não tem nada que ver com o caso: Abu Bakr não representa nada para quem não é sunita. E pedir para segurar uma cobra...

10

Come verdes os teus frutos,
antes que o ladrão os roube maduros.

11

Se conseguiste escapar do leão,
não tentes caçá-lo.

12

Sim, ela concebeu em segredo,
mas vai parir em público...

13

Aquele que está saindo de vez, “apronta”²⁹.

14

“Teu moinho gira para a direita ou para a esquerda?”
“Sei lá, o importante é que ele me dá farinha!”

15

Não digas: “*Smallah!*”,
antes que o camelo se levante³⁰.

29. Cuidado com quem vai deixar o país, o emprego etc.

30. O camelo, ao levantar-se, oferece um espetáculo grandioso quando ergue sua enorme massa de um só golpe. É tão imponente que, instintivamente, vem à boca a interjeição de admiração e espanto, misto de prece e de louvor: “*Smallah!*” – “Meu Deus!”, “Deus te conserve!”, “Que beleza!”. O efeito é tanto mais surpreendente quando, ainda há um minuto, o camelo estava calmo, aparentemente indolente, largado no solo.

16

“Caíste sozinho ou foi o camelo que te arremessou?”

“Tanto faz: me ajuda aí”.

17

Sim, meu príncipe, era mesmo uma pomba,

só que agora já voou...³¹

18

Você quer pegar as uvas ou... matar o guarda?³²

19

Janta-o antes que ele te almoce.

II – As idiossincrasias

As pessoas são diferentes: cada uma tem seu temperamento, sua formação, seu modo peculiar de encarar a vida. Muitos provérbios apontam para essas desigualdades, para a relativa imutabilidade do modo de ser de cada um, para a influência das circunstâncias na educação.

31. É preciso aproveitar a ocasião. Este provérbio é o desfecho da conhecida história em que, numa caçada, o príncipe em vez de disparar logo sobre o objeto, enredou-se em longas discussões com seus acompanhantes sobre se se trataria de uma pomba ou de uma pedra, até que o objeto (era uma pomba mesmo) escapou voando...

32. Quando já se obteve o que se queria, o melhor é ir embora quanto antes, sem expor-se inutilmente...

20

A galinha sempre cisca. Mesmo sobre um monte de trigo, ela continua ciscando.

21

O caipira é caipira,
mesmo que tome sopa em colher de chá³³.

22

Alimenta teu cão e ele guardará tua casa;
faze jejuar teu gato e ele te comerá os ratos.

23

Bastou elogiarmos a limpeza do gato,
ele foi e defecou no depósito de farinha.

24

Não é por amor a Deus que o gato caça os ratos.

25

“Há quanto tempo?”
“Claro, tu não vais à mesquita, e eu não vou ao cabaré...”

26

Pai dele, alho; mãe, cebola. Como pode ele cheirar bem?

33. No original deste (e de muitos outros provérbios) aparece o *Law*, o *se* condicional árabe, usado frequentemente para situações impossíveis ou muito improváveis.

27

Só a tua unha é capaz de te coçar direito.

III – A condição humana

As limitações, as contingências, as dificuldades, a dor, as contrariedades e desgostos (e, também, os consolos e a ação da divina providência) estão presentes nos provérbios de todas as culturas. Os provérbios árabes, certamente, também fazem esses registros e procuram orientar o homem para que viva sabiamente em sua realidade. Mas, para além de qualquer fatalismo, alguns *amthal* apontam também para o fato de que das dificuldades podemos tirar proveito em termos de vivência e crescimento enquanto seres humanos.

28

O mar brigou com o vento e quem virou... foi a barquinha.

29

Por causa da rosa, a erva daninha acaba sendo regada.

30

Se te perguntarem: “Viste um asno cinza?”,
responde: “Nem cinza, nem preto, nem branco.

Não vi asno nenhum!”

31

Os barbeiros aprendem a usar a navalha
na cabeça dos órfãos.

32

É como a peregrinação a Meca:
quem diz que é fácil, blasfema;
quem diz que é trabalhosa, blasfema.

33

Quando Deus fecha uma porta, abre outra.

34

(Tão pobre que...) As formigas saíram
da cozinha dele com fome.

35

O pobre achou uma tâmara seca no caminho
e disse-lhe: “Aonde devo ir para te comer em paz?”

36

Não aconselhes o tolo:
em qualquer caso ele te culpará depois.

37

“Tudo bem, tu foste criado por Deus...
Mas e eu? Pelo funileiro?”

38

A dor mais amarga é a dor presente.

39

Se cuspo para baixo, cai na barba;
se cuspo para cima, cai no bigode.

40

Ano ruim tem 24 meses...

41

O mundo é um moinho d'água:
os que têm se esvaziam;
os que não têm recebem em abundância...

42

Interminável como o Ramadã!

IV – Os outros

Os provérbios contemplam *o outro* em diversas dimensões: as relações de amor/ódio, de amizade/inimizade, de parentesco (com destaque especial para a sogra), de vizinhança etc. Aconselham também sobre a mulher, as visitas, os sócios, os deveres de hospitalidade, os chatos e inoportunos, sobre as relações com os poderosos e assim por diante.

43

“De que filho a senhora gosta mais?”
“Do pequeno, até que cresça; do ausente,
até que volte; do doente, até que sare”.

44

Se encontras teu amigo montado num pedaço de pau,
felicita-o pelo corcel de raça³⁴.

34. O amigo sempre é valorizado. Rimado no original: ‘amwd / ‘awd.

45

Eu não espanto os pássaros da árvore que me deu frutos amargos.

46

“Meu amigo, meus olhos, luz da minha vida!,
mas... longe de minha bolsa!”

47

Não te cases com uma moça cujos
parentes morem nas proximidades;
não alugues casa cujo dono seja o vizinho.

48

“Nora, nora... um dia também serás sogra!”

49

Em mil noras pode haver uma que ame a sogra;
em duas mil sogras pode haver uma que ame a nora.

50

A sogra já foi nora, mas... esqueceu!

51

Lar, doce lar..., que escondes todos os meus defeitos!

52

A cada refeição, uma briga;
a cada bocado, um aborrecimento³⁵.

35. As brigas acontecem em casa...

53

Rancor (astúcia) de homem é rancor;
rancor (astúcia) de mulher, rancores (astúcias)³⁶.

54

Se é um homem quem te dirige ameaças,
podes, de noite, dormir tranquilo;
se é uma mulher,
podes começar a passar as noites em claro...³⁷

55

Consulta tua mulher e faz o contrário do que ela te disser.

36. A formulação original joga com o singular e o dual (número característico do árabe): rancor de homem é um rancor; rancor de mulher, dois rancores.

37. Ao tratar de provérbios, é sempre oportuna a referência à Bíblia, não só pelos milhares de provérbios que ela mesma contém, mas também porque estão vazados em língua semita, muito próxima do árabe. Feghali chega a dedicar uma seção inteira a provérbios bíblicos que se tornaram provérbios árabes. No caso deste provérbio, nota-se o eco dos milenares conselhos dos livros sapienciais da Bíblia. O Eclesiástico, após enunciar, em seu cap. 25, as desgraças superlativas (“Qualquer ferida, menos a ferida do coração; qualquer miséria, menos a miséria causada pelo adversário; qualquer injustiça, menos a injustiça que vem do inimigo...”), desfecha: “Prefiro morar com um leão ou com um dragão a morar com uma mulher perversa... Pouca maldade é comparável à da mulher”. E, mais adiante, também em sistema comparativo semítico: “É melhor a maldade de um homem do que a bondade de uma mulher” (Eclo 42,14). Já o livro dos Provérbios diz: “Melhor é morar no deserto do que com uma mulher iracunda” (Prov 21,19); “Melhor é morar no canto de um teto do que numa casa com uma mulher briguenta” (Prov 25,24); “Goteira pingando sem parar em dia de chuva e a mulher briguenta são semelhantes” (Prov 27,15). Do mesmo modo, o provérbio seguinte refere-se à também milenar ideia preconceituosa de que a mulher não é boa conselheira.

56

Limpa tua casa, pois não sabes quem baterá à tua porta;
lava teu rosto, pois não sabes quem o beijará.

57

Visita sem presentes é melhor
do que a que te traz um carneiro³⁸.

58

Não visitar pode ser uma obra de misericórdia.

59

Não comas o pão servido por alguém
que depois irá te lembrar da oferta.

60

Não dá trela ao desocupado: ele fará de ti a sua ocupação.

61

“Ôpa! Não é por eu ter dito ‘Enterra-me’
que agora vais pegar a pá³⁹.”

38. O presente impõe obrigações. Há outra formulação rimada, semelhante a: “Um presente? Não me atormente”.

39. É bem conhecido o espírito de acolhimento oriental e suas desconcertantes – sobretudo para padrões europeus nórdicos – manifestações de carinho (por palavras ou por gestos) em fórmulas que, para o ocidental, parecem exageradas. O Alcorão prescreve, p. ex. (IV, 86), retribuir uma saudação com outra mais intensa ou, pelo menos, não inferior (naturalmente, a reação em cadeia deflagrada por um simples bom-dia pode durar uma eternidade). Nesse sentido, Cristo, que tão bem sabe valorizar a hospitalidade e as formas humanas de acolhimento (cfr. Lc 7,44 e ss.) tem que recomendar aos discípulos enviados em

62

“Ôpa! Tá certo que dissemos ‘A casa é tua!’,
mas não vás agora trancar a porta e levar a chave.

63

(Prefiro) A opressão do gato à justiça do rato.

64

Quem ocupa o poder tem metade das pessoas contra si...
isto, se ele for justo.

65

Na minha noite de núpcias
ele vem pedir-me emprestado o pandeiro.

66

“Cospe a pedrinha, Mansur!”⁴⁰

missão: “A ninguém saudeis pelo caminho” (Lc 10,4). É um problema de aproveitamento do tempo numa missão urgente! Neste campo das saudações e das manifestações de carinho, o refinado Oriente está a anos-luz de distância do primário Ocidente... Por exemplo, o ocidental, perante uma visita que se despede, diz: “Vê se aparece!” (com o que – consciente ou inconscientemente – parece afirmar: Nós somos pessoas muito importantes, interessantes, bonitas... e autorizamos você – que não é nada disso... –, a vir ver-nos, pois, nós, além do mais, somos também generosos etc.). Já o oriental despede-se da visita dizendo: *Ismah lana nashufak!* – Permita que nós o vejamos (**você** é a pessoa importante, etc. etc...). Evidentemente, o exagero das formas (que, em todo caso, no Oriente, não é mero formalismo) requer o necessário corretivo do bom humor dos provérbios. Assim, uma das fórmulas mais fortes para manifestar o carinho é *Taqbarny*, “Enterra-me!” (com o que se diz: eu quero que você sobreviva a mim, eu não saberia viver sem você etc.), está aqui temperada por esse *mathal*.

40. Frase que se tornou proverbial. Mansur era um “boca-suja”, sacristão de um bispo, que tentava inutilmente corrigir-lhe a linguagem, permeada de palavões. Até que lhe ocorreu a ideia de que Mansur mantivesse uma pedrinha

V – Defeitos, vícios e manhas

Como era de esperar, os provérbios fustigam defeitos e atitudes viciosas. Nesta seleção, destaca-se a falta de objetividade para apreender realidade, causada pela interferência distorcedora de vários fatores de envolvimento subjetivo, como o preconceito ou o oportunismo. Abordam-se também temas como o da mentira, da hipocrisia, da manha, da figura do salafrário, da avareza, da língua, das culpas e das desculpas (esfarrapadas), da vaidade, do egoísmo, da gula, da preguiça etc.

67

Rasgou as roupas e começou a gritar:
“Náufrago! Náufrago!”

68

O santuário próximo não cura...

69

Com a mentira se consegue o almoço, mas não o jantar.

70

Quando perguntaram ao faminto: “Quanto é dois mais dois?”,
ele respondeu: “Quatro pães!”

na boca para ajudá-lo a lembrar-se de evitar expressões indecorosas. Em um certo dia de intenso calor, o bispo percorria a estrada – a pé, acompanhado por Mansur –, em visitas pastorais, quando ouviu uma velha que com insistência chamava por ele, do alto de um morro. Quando os dois acabaram de subir a penosa encosta, a velha explicou que o chamara para abençoar sua ninhada de pintinhos... O bispo, passando o lenço na testa, voltou-se para Mansur (também ele furioso...), dizendo: “Tudo bem, Mansur, pode cuspir a pedrinha!”

71

“Deus, envia-nos um hóspede!”, rezam as crianças...⁴¹

72

O macaco, aos olhos de sua mãe, é uma gazela.

73

Quando Tannús (Toninho) precisava de nós,
nós o chamávamos simplesmente de Tannús,
mas agora que nós precisamos de Tannús,
temos de dizer: “Às ordens, venerável mestre!”

74

Bate no cão, tua noiva compreenderá...

75

O rato aconselhou o dono da casa a matar o gato...
e a comprar queijo!

76

A mantegueira caiu no fogo e a velha disse:
“Eu a ofereço a Allah”.

77

Quebra o fio de sua roca
e saberás o que ela tem embaixo da língua⁴².

41. Naturalmente, com um hóspede na casa o tratamento e a comida melhoram...

42. O conselho é para que o homem não se deixe enganar pela aparência suave e gentil dessa moça bela e doce (sobretudo se ela quer casar com ele); seu verdadeiro caráter pode ser outro.

78

Ele deu os pêsames e chorou, mas nem sabe quem morreu.

79

Se o rico come cobra todos dizem:

“Que paladar mais refinado!”

Se é o pobre: “*Pirou* de vez!”⁴³

80

“Mão na massa, Leila!”⁴⁴

81

Não tendo achado nenhum defeito na rosa,
apelidaram-na de “bochecha vermelha”⁴⁵.

43. A irônica constatação da diversidade de juízos perante o mesmo ato praticado por um rico e um pobre é tema constante dos provérbios. Está presente na sabedoria da Bíblia – “O rico pratica uma injustiça e ainda se mostra altivo; o pobre sofre uma injustiça e ainda precisa pedir desculpas” (Eclo 13,3), ou “Rico tropeça, todos o socorrem, rico diz tolices, todos o aplaudem; pobre fala, dizem ‘Cala a boca’ e, se tropeça, derrubam-no de vez” (Eclo 13, 22-23) – e nos pára-choques de caminhão: “Rico correndo é atleta; pobre, ladrão!” etc.

44. O Oriente, o juramento. A cada passo, por qualquer ninharia, jura-se. Jura-se pelas barbas do profeta, pelo amor dos meus filhinhos, pelo sol e pela lua, pela manhã e pela noite, pelo Alcorão e pela Bíblia... O árabe, a emoção, o pranto. O exagero. Os acalorados juramentos não deixam de ser suspeitos, mas como defender-se da chantagem emocional que eles veiculam? A distância crítica, para manter a objetividade, tem uma grande defesa: a do bom humor, avalizado por este antigo provérbio que, no original, contém apenas duas palavras. Trata-se do **proverbial** episódio do beduíno que roubara um saco de farinha. Diante do juiz, foi-lhe exigido um juramento de inocência. Sem pestanejar, ele jurou, pensando consigo mesmo: “Leila, minha mulher, pode estar agora fazendo pastéis com aquela farinha. **Farinha** roubada, Deus é testemunha, eu não tenho”.

45. Como se sabe, os invejosos, por despeito, acabam criando uma pseudo-realidade (ou pseudo-defeito) para dar vazão a seus sentimentos pusilânimes.

82

Nunca o mercador diz: “Meu azeite está rançoso”.

83

Uma coisa é receber as chibatadas; outra é contá-las...⁴⁶

84

Ele almoçou na madrasta⁴⁷.

85

“Manhê! Kin’an quer um bolinho!”⁴⁸

86

“Se eu sou príncipe e tu és príncipe,
quem é que vai atrelar o cavalo?”

87

“Podem ficar tranquilos: a raposa me garantiu
que não vai mais pegar galinhas”⁴⁹.

46. Usado como resposta para aquele que, após ouvir as queixas do interlocutor, diz apenas: “Mas, isso não é nada” ou “Você não deve se preocupar” etc.

47. Diz-se daquele que, sim, almoçou, mas muito mal...

48. Kin’an e seu irmãozinho mais velho esperavam impacientemente, ao pé do fogo, a chegada do pai, enquanto a mãe fritava aromáticos bolinhos. Querendo abreviar a espera, mas sem se expor, o mais velho disse: “Manhê! Kin’an quer um bolinho!” A frase tornou-se proverbial.

49. Frase irônica para desmontar no ato as declarações de emenda de um salafário.

88

Aperta-lhe a mão, mas confere os dedos depois.

89

A parede queixou-se ao prego: “Por que me perfuras?”

Ele respondeu: “Pergunte ao martelo!”

90

O cão late porque late; o dono pensa que é para ele.

91

O corvo quis imitar o passo (elegante)

da perdiz e perdeu o seu.

VI – Virtudes

Os provérbios louvam as virtudes, especialmente as que traduzem grandeza de alma, generosidade, determinação e franqueza, condenando ao mesmo tempo a estreiteza e a mesquinhez. Alguns dos mais sugestivos louvam também a sagacidade.

92

A mão que dá está sempre acima da que recebe.

93

Faze o bem e lança-o ao mar:

tu o reencontrarás mesmo que muito tempo depois.

94

Antes inimigo do príncipe (*amyr*)
do que do guardinha (*khafyr*).

95

Não há defeito que a generosidade não possa encobrir.

96

Sábio é quem estende seu manto
como se fosse tapete, e tolo é quem pisa.

97

Se é para se apaixonar, que seja por um príncipe;
Se é para bater à porta, que seja à porta de um grande;
Se é para roubar, que seja um camelo;
Assim, se te censurarem, pelo menos será por algo grande.

98

Melhor negar o favor do que fazer esperar.

99

Dou uma tâmara ao pobre
para sentir seu verdadeiro sabor.

100

Meca não está longe para quem está
determinado a fazer a peregrinação.

Este livro foi impresso em papel off-set 90
grs. A capa em cartão Supremo 250 grs.

O texto foi composto em Times New Roman
corpo 11/16 – títulos em Amerigo BT no cor-
po 16.

ECOgraf

diagramou e imprimiu

Rua Costa, 35 – Consolação – São Paulo-SP

factash@gmail.com

Fone: (11) 3259-1915

Eu, quando jovem, nem podia imaginar que viria a ser professor no Brasil, mas uma série de circunstâncias acabou por trazer-me para cá. Concluídos meus estudos universitários na França, voltei ao Cairo e fui nomeado professor de tradução francesa na Faculdade de Línguas Estrangeiras da Universidade de *'Ayn ash-Shams*. Lecionava eu lá, quando a Universidade recebeu solicitação de três professores para ensinar árabe no exterior: um para Sidney na Austrália, outro para Santiago do Chile e um terceiro para São Paulo. Não foi difícil para nossa faculdade atender os pedidos da Austrália e do Chile, pois havia um colega recém-chegado da Inglaterra e outro recém-chegado da Espanha. O problema era conseguir um professor para o Brasil. Isto aconteceu nos primeiros meses de 1962. É uma história interessante: Jânio Quadros, quando assumiu a presidência, foi visitar os líderes orientais da época: Gamal Abdel Nasser – que, então, gozava de enorme prestígio em todo o mundo –, Nehru e outros. Voltando ao país, cheio de admiração por esses estadistas, decidiu criar, no Brasil, estudos orientais e pediu à Universidade de São Paulo que criasse esses cursos. A USP, em atenção ao pedido do presidente, resolveu criar sete cursos: árabe, hebraico, russo, chinês, japonês, armênio e sânscrito e contactou os países correspondentes, em busca de professores que se dispusessem a vir para cá. Ora, nessa época, os países árabes credenciados no Brasil eram três: Síria, Líbano e Egito. A USP escreveu para esses três países e, para sorte minha – este é um país maravilhoso –, só o Egito respondeu afirmativamente (...)

(Helmi Nasr, em entrevista)

Apoio cultural
Radix Projetos Educacionais



FACTASH EDITORA

CEMOrOc
EDF-FEUSP

ISBN 978-85-89909-86-0



9 788589 909860

foi finalmente publicado em 2005, pelo “Complexo do Rei Fahd”, a instância mais oficial do Islã.

Sua carreira como homem de paz e integração (dois dos significados do radical árabe s-l-m, de palavras tão fundamentais como *islam* ou *salam*) foi coroada em 2007, quando passou a integrar o seletivo grupo (21 membros) do Conselho dos Sábios, instância máxima de eruditos da Liga Islâmica Mundial.

Neste livro, dois de seus discípulos, pretendem prestar uma carinhosa homenagem, neste momento em que o Mestre está prestes a regressar ao Egito, sua pátria de origem (o Brasil é a pátria de adoção).

Aida Hanania é professora titular aposentada do curso de Língua, Literatura e Cultura Árabes da FFLCHUSP.

Jean Lauand é professor titular sênior da Faculdade de Educação da USP e professor dos Programas de Pós Graduação em Educação e Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo.